

ano 25 – n. 99 | janeiro/março – 2025
Belo Horizonte | p. 1-322 | ISSN 1516-3210 | DOI: 10.21056/aec.v25i99
A&C – R. de Dir. Administrativo & Constitucional
www.revistaaec.com

A&C

**Revista de Direito
ADMINISTRATIVO
& CONSTITUCIONAL**

**A&C – ADMINISTRATIVE &
CONSTITUTIONAL LAW REVIEW**

FORUM

A246 A&C : Revista de Direito Administrativo & Constitucional. – ano 3, n. 11, (jan./mar. 2003). – Belo Horizonte: Fórum, 2003-

Trimestral
ISSN impresso 1516-3210
ISSN digital 1984-4182

Ano 1, n. 1, 1999 até ano 2, n. 10, 2002 publicada pela Editora Jurua em Curitiba

1. Direito administrativo. 2. Direito constitucional.
I. Fórum.

CDD: 342
CDU: 342.9

Coordenação editorial: Leonardo Eustáquio Siqueira Araújo
Thaynara Faleiro Malta

Capa: Igor Jamur

Projeto gráfico: Walter Santos

Revisão: Érico Barboza

Diagramação: Reginaldo César de Sousa Pedrosa

Periódico classificado no Estrato A1 do Sistema Qualis da CAPES - Área: Direito.

Qualis – CAPES (Área de Direito)

Na avaliação realizada em 2022, a revista foi classificada no estrato A1 no Qualis da CAPES (Área de Direito).

Entidade promotora

A A&C – *Revista de Direito Administrativo & Constitucional*, é um periódico científico promovido pelo Instituto de Direito Remeu Felipe Bacellar com o apoio do Instituto Paranaense de Direito Administrativo (IPDA).

Foco, Escopo e Público-Alvo

Foi fundada em 1999, teve seus primeiros 10 números editorados pela Jurua Editora, e desde o número 11 até os dias atuais é editorada e publicada pela Editora Fórum, tanto em versão impressa quanto em versão digital, sediada na BID – Biblioteca Digital Fórum. Tem como principal objetivo a divulgação de pesquisas sobre temas atuais na área do Direito Administrativo e Constitucional, voltada ao público de pesquisadores da área jurídica, de graduação e pós-graduação, e aos profissionais do Direito.

Linha Editorial

A linha editorial da A&C – *Revista de Direito Administrativo & Constitucional*, estabelecida pelo seu Conselho Editorial composto por renomados juristas brasileiros e estrangeiros, está voltada às pesquisas desenvolvidas na área de Direito Constitucional e de Direito Administrativo, com foco na questão da efetividade dos seus institutos não só no Brasil como no Direito comparado, enfatizando o campo de interseção entre Administração Pública e Constituição e a análise crítica das inovações em matéria de Direito Público, notadamente na América Latina e países europeus de cultura latina.

Cobertura Temática

A cobertura temática da revista, de acordo com a classificação do CNPq, abrange as seguintes áreas:

- Grande área: Ciências Sociais Aplicadas (6.00.00.00-7) / Área: Direito (6.01.00.00-1) / Subárea: Teoria do Direito (6.01.01.00-8) / Especialidade: Teoria do Estado (6.01.01.03-2).
- Grande área: Ciências Sociais Aplicadas (6.00.00.00-7) / Área: Direito (6.01.00.00-1) / Subárea: Direito Público (6.01.02.00-4) / Especialidade: Direito Constitucional (6.01.02.05-5).
- Grande área: Ciências Sociais Aplicadas (6.00.00.00-7) / Área: Direito (6.01.00.00-1) / Subárea: Direito Público (6.01.02.00-4) / Especialidade: Direito Administrativo (6.01.02.06-3).

Indexação em Bases de Dados e Fontes de Informação

Esta publicação está indexada em:

- Web of Science (ESCI)
- Ulrich's Periodicals Directory
- Latindex
- Directory of Research Journals Indexing
- Universal Impact Factor
- CrossRef
- Google Scholar
- RVBI (Rede Virtual de Bibliotecas – Congresso Nacional)
- Library of Congress (Biblioteca do Congresso dos EUA)
- MIAR - Information Matrix for the Analysis of Journals
- WorldCat
- BASE - Bielefeld Academic Search Engine

- REDIB - Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico
- ERIHPLUS - European Reference Index for the Humanities and the Social Sciences
- EZB - Electronic Journals Library
- CiteFactor
- Diadorim

Processo de Avaliação pelos Pares (Double Blind Peer Review)

A publicação dos artigos submete-se ao procedimento *double blind peer review*. Após uma primeira avaliação realizada pelos Editores Acadêmicos responsáveis quanto à adequação do artigo à linha editorial e às normas de publicação da revista, os trabalhos são remetidos sem identificação de autoria a dois pareceristas *ad hoc* portadores de título de Doutor, todos eles exógenos à Instituição e ao Estado do Paraná. Os pareceristas são sempre Professores Doutores afiliados a renomadas instituições de ensino superior nacionais e estrangeiras.

Rigenerare la democrazia partecipativa nei governi locali: cittadinanza attiva e interessi deboli non corporati

Regenerating participatory democracy in local governments: active citizenship and weak non-corporate interests

Alessandra Piconese*

Università degli studi Magna Græcia Viale Europa (Catanzaro, Italia)
alessandrapiconese@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5727-8263>

Recebido/Received: 20.1.2025/January 20th, 2025.

Aprovado/Approved: 28.2.2025/February 28th, 2025.

Riassunto: Il tema della democrazia partecipativa non è nuovo e tuttavia nuove potrebbero essere le pratiche attraverso cui affermare esigenze di giustizia sociale e lottare contro le disuguaglianze sociali. Un contesto esperienziale in cui i governi locali prima di tutto possono contribuire a sperimentare e diffondere strumenti capaci di neutralizzare gli effetti di una partecipazione elitaria e positivamente coinvolgere gruppi socialmente e personalmente deboli anche rispetto all'uso delle nuove tecnologie informative. Questo contributo si propone di analizzare le linee di tendenza degli strumenti di partecipazione civica con particolare attenzione agli effetti dei risultati partecipativi sulle decisioni pubbliche. Ciò al fine di identificare quegli elementi che sono da consolidare per esaltare le potenzialità e allo stesso tempo ridurre i rischi insiti nei processi partecipativi.

Como citar este artigo/*How to cite this article:* PICONESE, Alessandra. Rigenerare la democrazia partecipativa nei governi locali: cittadinanza attiva e interessi deboli non corporati. *A&C – Revista de Direito Administrativo & Constitucional*, Belo Horizonte, ano 25, n. 99, p. 9-44, jan./mar. 2025. DOI: 10.21056/aec.v25i99.2061.

* Assegnista di ricerca in Diritto Amministrativo Università degli studi Magna Græcia di Catanzaro (Catanzaro, Italia). Dottoressa di ricerca in Diritto Pubblico presso la Universitat Rovira I Virgili di Tarragona. Laurea in Giurisprudenza presso l'Università del Salento. Dottorato di Ricerca in Diritto dell'economia e del Mercato presso ISUFI in Lecce. Dottorato di ricerca in forme dell'evoluzione del diritto presso l'Università del Salento in Lecce. Assegnista di ricerca presso l'Università degli studi del Sannio (Benevento, Italia, 2018/2019). Assegnista di ricerca presso l'Università *Magna Græcia* di Catanzaro (Italia, 2022/2023). Cultore in diritto amministrativo presso l'Università *Magna Græcia* di Catanzaro.

Parole chiave: Partecipazione cittadina. Governo locale. Democrazia. Gruppi deboli. Inclusione sociale.

Abstract: The theme of participatory democracy is not new and yet new could be the practices through which to affirm demands for social justice and fight against social inequalities. An experiential context in which local governments first and foremost can help experiment with and disseminate tools capable of neutralizing the effects of elitist participation and positively engage socially and personally weak groups even with respect to the use of new information technologies. This contribution aims to analyze the trend lines of civic participation tools with particular attention to the effects of participatory outcomes on public decisions. This is in order to identify those elements that are to be consolidated in order to enhance the potential and at the same time reduce the risks inherent in participatory processes.

Keywords: Citizen participation. Local government. Democracy. Weak groups. Social inclusion.

Riepilogo: **1** La partecipazione come “democratizzazione della democrazia” – **2** La “crisi” senza fine della rappresentanza e i processi partecipativi – **3** Gli interessi “non corporati” nella modernità “liquida”: “deboli”, “locali”, “esclusi” – **4** La Conferenza sul Futuro dell’Europa in risposta alle crisi dell’area euro-unitaria. Criticità e prospettive future della democrazia partecipativa – **5** La legge organica sulla Partecipazione: le regioni Toscana, Emilia Romagna e Puglia – **6** Il Nuevo Reglament de participació ciutadana per la città di Barcellona: strumenti per l’inclusione dei gruppi deboli – **7** Una prospettiva dal diritto comparato: il Brasile e la Colombia – **8** Verso un modello sistemico delle pratiche di democrazia partecipativa per esigenze di giustizia sociale?....l’empowerment dei cittadini a tutti i livelli di governo – Riferimenti bibliografici

1 La partecipazione come “democratizzazione della democrazia”

Il tema della democrazia partecipativa può considerarsi strettamente connesso a quello della sovranità popolare, che è il fondamento su cui l’ordine costituzionale repubblicano è stato costruito.¹

In entrambi i casi a venire in gioco è il dinamismo del rapporto tra il popolo e il potere nell’esercizio delle due principali funzioni: quella legislativa e quella amministrativa.²

Un rapporto che può esprimersi secondo modalità assai differenti, le quali incidono direttamente sul grado di riconoscimento e sulla tutela degli interessi pubblici. Laddove “con un progresso concettuale dovuto a una migliore percezione

¹ RESCIGNO, Giuseppe Ugo. *Sovranità del popolo e fonti del diritto nel pensiero di Carlo Esposito, Vezio Crisafulli, Livio Paladin*. Padova, 2003. Relazione – Convegno di studio Esposito, Crisafulli, Paladin. Tre costituzionalisti nella cattedra padovana. La sovranità popolare. Disponibile in https://www.associazionedeicostituzionalisti.it/old_sites/sito_AIC_2003-2010/materiali/convegni/20030619_padova/doc/rescigno.doc. Accesso del: 15 gen 2025.

² SORRENTINO, Federico. *Brevi riflessioni su sovranità popolare e pubblica amministrazione*. Padova, 2003. Relazione – Convegno di studio Esposito, Crisafulli, Paladin. Tre costituzionalisti nella cattedra padovana. La sovranità popolare. Disponibile in https://www.associazionedeicostituzionalisti.it/old_sites/sito_AIC_2003-2010/materiali/convegni/20030619_padova/sorrentino.html. Accesso del: 15 gen 2025.

del senso dello stato democratico, intendiamo quegli interessi come interessi della società, non dello stato persona”.³

Per questo autorevole studioso ritiene che la democrazia partecipativa si inserisca “nel disegno complessivo della democrazia rappresentativa” e sebbene entrambe siano espressione della sovranità popolare, tuttavia la prima viene a combinarsi con la seconda poiché integra “le lacune” e corregge “i difetti di cui questa soffre in forza dei suoi artifici originari e della crisi che con evidenza oggi patisce”.⁴ Ciò che essa essenzialmente vuole è dunque “la *democratizzazione della democrazia*, di questa realtà cioè sempre incompiuta, sempre piena di problemi, sempre da migliorare e conquistare”.⁵

Sulla base di queste brevi premesse il presente contributo si propone nell’ordine di:

- a) ricostruire il concetto di democrazia partecipativa rispetto al potere politico e a quello amministrativo come possibile soluzione della crisi della rappresentanza (par. 2);
- b) dare conto degli interessi sottesi alla partecipazione cittadina e cioè individuare l’ambito delle situazioni soggettive non qualificate o non istituzionalizzate a cui la stessa farebbe riferimento (par. 3);
- c) analizzare, tra alcune recenti esperienze di partecipazione, quella europea per la Conferenza sul futuro dell’Europa in risposta alle crisi dell’area eurounitaria (par. 4);
- d) tracciare le attuali linee di tendenza presenti in alcune recenti esperienze dell’Italia e della Spagna (par. 5 e 6);
- e) delineare le prospettive future in favore di un modello sistemico di partecipazione cittadina per esigenze di giustizia sociale (part. 7).

2 La “crisi” senza fine della rappresentanza e i processi partecipativi

Per affrontare il primo punto è opportuno ricorrere alle riflessioni svolte intorno alla crisi dei sistemi politico-amministrativi⁶ e insieme alle possibili soluzioni come via d’uscita dalla stessa.

³ BENVENUTI, Feliciano. *Il nuovo cittadino*. Tra libertà garantita e libertà attiva. Venezia: Marsilio, 1994.

ALLEGRETTI, Ugo. Procedura, procedimento e processo: un’ottica di democrazia partecipativa. *Diritto Amministrativo*, Milano, anno 07, n.4, ott./dic., p. 779 - 804.

⁴ Per una prospettiva recente sulla intersezione tra rappresentanza e crisi della democrazia sul terreno della transizione digitale v. SGUEO, Gianluca. La visione e la voce nelle transizioni digitali dei governi democratici. *Rivista trimestrale di diritto pubblico*. Milano, anno 22, n.4, ott./dic., p. 1015 - 1029.

⁵ ALLEGRETTI Ugo. La democrazia partecipativa in Italia e in Europa. *Rivista telematica giuridica dell’Associazione Italiana dei costituzionalisti*. Roma, anno 11, n.1, gen./mar., p. 3. Disponibile in: www.rivistaaic.it/images/rivista/pdf/ALLEGRETTI.pdf.

⁶ Più di recente v. KHAN, Paul. What is democracy?. *Public Humanities*, anno 2025, n. 1, e16, p. 1-5. Disponibile in: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/AE033A774FC417198313EA5EC52B9EFB/S2977017324000173a.pdf/div-class-title-what-is-democracy-div.pdf>. GREER,

Il tema di fondo è quello della democrazia e delle incertezze circa la sua sopravvivenza nell'attuale contesto storico e politico.

La questione sta interessando da anni i Paesi Occidentali presso cui sembrerebbe quasi del tutto tramontata l'illusione di una illimitata espansione del modello.⁷

Non mancano gli studiosi che vanno a tratteggiare in alcuni casi l'attuale superiorità dei regimi autoritari.⁸

Il tema, che negli ultimi anni è stato trattato rispetto alla tutela dell'ambiente e all'emergenza climatica,⁹ resta attuale se consideriamo la comparsa nel cuore dell'Europa della pandemia e della guerra.

Argomenti e problemi intorno ai quali le democrazie, a tutti i livelli, hanno dimostrato la loro incapacità di adottare soluzioni adeguate ed efficaci.

Sulla questione si è espresso di recente un autorevole giurista italiano: il suo discorso sulle "fragili democrazie e il clima" ci guida sulla linea già tracciata da alcuni studi in tema di rappresentanza politica da un lato e processi partecipativi dall'altro.¹⁰

A proposito dell'attuale stato di crisi delle democrazie questi parla di una "diagnosi largamente condivisa" e conseguentemente sottolinea la necessità di "interventi efficaci e mai sufficientemente discussi sino ad ora". Se così non

Christina. *How to build a democracy*, Cambridge, Cambridge University Press, 2024; SINTOMER Yves. *The Government of chance, Sortition and democracy from Athens to the present*, Cambridge, Cambridge University Press, 2024. MÉNY Yves. *Le vie della democrazia*. Bologna: Il Mulino, 2024. ZANATTA, Loris. *Popolo*. Macerata: Liberlibri, 2023. CAVERI, Luciano. Dalla democrazia "incompiuta" alla "postdemocrazia". Percorsi storici del sistema politico italiano. Bologna: Il Mulino, 2023. MESIMI, Omar Ajruli. *Globalizzazione e crisi della democrazia*. Roma: Edizioni Sapienza, 2023. MORLINO, Leonardo, RANIOLO Francesco, *Disuguaglianza e democrazia*. Milano: Mondadori Università, 2022. DI SCIULLO, Franco. *La democrazia della sfiducia. La rappresentanza nell'età del paradosso*, Napoli, Editoriale scientifica, 2022. CAMPATI, Antonio. *La distanza democratica. Corpi intermedi e rappresentanza politica*. Milano: Vita e pensiero editore, 2022.

⁷ GROPPi, Tania. *Menopoggio*. La democrazia costituzionale nel XXI secolo. Bologna: Il Mulino, 2020.

⁸ Così in AMATO, Giuliano. *Le nostre fragili democrazie e il clima. Possiamo attrezzarci per farcela?* Roma, 15 settembre 2022 – Lectio Magistralis – Cerimonia inaugurazione anno accademico 2022-2023 Università di Roma Sapienza. Disponibile in: www.treccani.it/magazine/atlante/societa/Le_nostre_fragili_democrazie.html.

⁹ Di recente BONOMO, Antonio. Governare la transizione ecologica tra nuovi interessi e nuovi conflitti. *Rivista Trimestrale di diritto pubblico*, Milano, anno 2024, n.3, mag./lugl., p. 621-637. MORISI, Massimo. "Ambiente e partecipazione". Un eccentrico elenco di questioni aperte. *Rivista di diritto pubblico italiano, comparato ed europeo*. Roma, anno 2023, n. 13, focus – scelte ambientali, azione amministrativa e tecniche di tutela, p. 364-393. Disponibile in: <https://federalismi.it/AppOpenFilePDF.cfm?artid=48862&dpath=document&dfile=05062023162822.pdf&content=>"Ambiente%2Be%2Bpartecipazione"%2E%2BUn%2Beccentrico%2Belenco%2Bdi%2Bquestioni%2Baperte%2B%2Bstato%2B%2Bdottrina%2B%2B. PEPE, Gabriele. La democrazia partecipativa ambientale tra ordinamenti sovranazionali ed ordinamento italiano. *Rivista di diritto pubblico italiano, comparato ed europeo*, Roma, anno 2020, n. 2, p. 179-195.

¹⁰ AMATO, Giuliano. *Le nostre fragili democrazie e il clima. Possiamo attrezzarci per farcela?* Roma, 15 settembre 2022 – Lectio Magistralis – Cerimonia inaugurazione anno accademico 2022-2023 Università di Roma Sapienza. Disponibile in: www.treccani.it/magazine/atlante/societa/Le_nostre_fragili_democrazie.html.

accadesse lo stato delle democrazie finirebbe per apparire “ancor più disadattato e addirittura controproducente di fronte alla gravità, all’urgenza e alla specificità dei problemi”.¹¹

Si tratterebbe di problemi per cui sono necessarie regole che riguardano i “comportamenti di tutti i consociati” e che “produrranno gli effetti necessari [...] solo se effettivamente osservate dalla larghissima, pressoché totalitaria maggioranza di tutti noi: sulle tipologie di uso e sulla quantità di acqua e di energia che consumeremo, sui limiti del consumo dei cibi la cui produzione ha costi ambientali molto elevati, come la carne bovina ad esempio, su ciò che ciascuno potrà scaricare nell’atmosfera, a partire (indirettamente) dai rifiuti”.¹²

Ancora con le parole del giurista “si ha bisogno di regole che non saranno destinate ad una categoria di persone ma che dovranno riguardare tutti. Poche regole cioè che hanno carattere universale: basti pensare all’uso della mascherina durante il lockdown e il cui rispetto si è reso necessario da parte di tutti per evitare o limitare il contagio reciproco. Questo, si afferma, indipendentemente dalla sanzione per la mancata inosservanza della regola e in disparte rispetto alle tecniche legate alla spinta gentile”.¹³

Ebbene, afferma lo studioso, il riferimento è allora alla questione della generale osservanza delle regole all’interno di una democrazia; un obiettivo che sarà conseguibile soltanto “se a produrla sarà la generalizzata convinzione che così bisogna fare”.¹⁴

Sul piano del diritto è necessario disporre di tutte le risorse possibili: delle “istituzioni centrali, delle autonomie regionali e locali, delle formazioni intermedie, dei singoli residenti, cittadini o non cittadini che siano”.

Serviranno quindi le istituzioni centrali e servirà la “politica che ha il compito di gestirle”.

Il giurista nel suo discorso pretende a un certo punto di allargare la prospettiva e ritiene perciò che siano da rispettare due corollari imprescindibili: il primo per

¹¹ AMATO, Giuliano. *Le nostre fragili democrazie e il clima. Possiamo attrezzarci per farcela?* Roma, 15 settembre 2022 – Lectio Magistralis – Cerimonia inaugurazione anno accademico 2022-2023 Università di Roma Sapienza. Disponibile in: www.treccani.it/magazine/atlante/societa/Le_nostre_fragili_democrazie.html.

¹² AMATO, Giuliano. *Le nostre fragili democrazie e il clima. Possiamo attrezzarci per farcela?* Roma, 15 settembre 2022 – Lectio Magistralis – Cerimonia inaugurazione anno accademico 2022-2023 Università di Roma Sapienza. Disponibile in: www.treccani.it/magazine/atlante/societa/Le_nostre_fragili_democrazie.html.

¹³ ZITO, Alberto. *La nudge regulation nella teoria giuridica dell’agire amministrativo*. Presupposti e limiti del suo utilizzo da parte delle pubbliche amministrazioni. Napoli, Editoriale scientifica italiana, 2021.

¹⁴ AMATO, Giuliano. *Le nostre fragili democrazie e il clima. Possiamo attrezzarci per farcela?* Roma, 15 settembre 2022 – Lectio Magistralis – Cerimonia inaugurazione anno accademico 2022-2023 Università di Roma Sapienza. Disponibile in: www.treccani.it/magazine/atlante/societa/Le_nostre_fragili_democrazie.html.

cui occorre che nella elaborazione delle regole vi sia il supporto della scienza; il secondo in base al quale è necessario ricorrere ai processi partecipativi che “coinvolgono tanti cittadini attivi ora nell’elaborazione, ora nell’attuazione delle scelte pubbliche e che sono previste e praticate, non a caso nelle sedi regionali e locali, le sedi più vicine ai territori”.¹⁵

La notazione di rilievo ai fini di questo contributo consiste proprio nel riferimento all’utilità ancora attuale dei processi partecipativi sia nel momento della elaborazione delle regole, sia nel momento dell’attuazione delle scelte pubbliche. Il potere legislativo, cioè, e il potere amministrativo.

Questo per fornire una soluzione il più possibile aderente alle debolezze del sistema politico-amministrativo e allargare la base di consenso e di condivisione nella elaborazione delle regole che avrebbero carattere universale.

Lo spunto iniziale della riflessione è dato dal ruolo che le assemblee cittadine rivestono in materia di ambiente in sede parlamentare. Il caso può essere quello del Regno Unito dove l’obiettivo è quello di acquisire informazioni sulle preferenze del pubblico circa il modo in cui dovrà essere affrontato il cambiamento climatico.¹⁶

Decisioni che avranno certamente un forte impatto sulla vita delle persone.

Quella *discussion* intorno all’argomento si è tradotta poi in una *relazione* che è stata oggetto di approfondimento da parte di sei comitati ristretti e di successivo dibattito in sede di Camera dei Comuni. La ragion d’essere del processo decisionale pubblico descritto si trova nelle attività volte a sostenere la democrazia parlamentare del Regno Unito.

Se guardiamo alle critiche possiamo notare che esse hanno prevalentemente riguardato l’istituzione della assemblea da parte dei Comitati piuttosto che del Governo.

In questo è stato visto un detrimento del processo di democrazia rappresentativa.

In Scozia l’assemblea ha dato origine ad alcune raccomandazioni che poi sono state presentate al Parlamento che ne ha a sua volta discusso.¹⁷

¹⁵ AMATO, Giuliano. *Le nostre fragili democrazie e il clima. Possiamo attrezzarci per farcela?* Roma, 15 settembre 2022 – Lectio Magistralis – Cerimonia inaugurazione anno accademico 2022-2023 Università di Roma Sapienza. Disponibile in: www.treccani.it/magazine/atlanter/societa/Le_nostre_fragili_democrazie.html.

¹⁶ Sul tema di recente BUONO, Enrico; PIZI, Chiara. La democrazia climatica tra climate change mitigation and climate change litigation. Spunti comparati per l’elaborazione di strumenti partecipativi. *Diritto Pubblico comparato ed europeo on line*. Milano, anno 23, n. 2, vol. 59-II sezione monografica, p. 1945-1956. Disponibile in: www.dpceonline.it/index.php/dpceonline/article/view/1951.

¹⁷ STEGHER, Giulia, Serena. Rigenerare la democrazia: le assemblee cittadine del Regno Unito come catalizzatori delle politiche ambientali. *Diritto Pubblico comparato ed europeo on line*. Milano, anno 24, dic. Disponibile in: <https://drive.google.com/file/d/1w3-syVq9EXPjUUF3LIYAIXydkLq7EQ5k/view>.

Da ultimo il caso francese del *Grand Débat Public* quale primo grande strumento di democrazia partecipativa su scala nazionale mai realizzato.¹⁸

Rispetto ai processi descritti ci si chiede se i cittadini attivi¹⁹ possano – e in che modo – offrire un valido contributo per l'ampliamento degli spazi di democrazia.

Abbiamo detto per ora solo di alcuni strumenti attraverso i quali i cittadini possono offrire un contributo al potere politico-amministrativo.

A questo proposito per descrivere il fenomeno un autorevole studioso ha parlato di esperienze varie ed eterogenee di democrazia partecipativa;²⁰ egli ha sottolineato poi che quest'ultima “non è un istituto determinato, ma è una sintesi verbale di pratiche, dispositivi, procedure numerose e varie che però hanno in comune alcuni tratti fondamentali”.²¹

Se vogliamo, già la “partecipazione” è in sé un concetto molto complesso.²²

Esso è un “nodo inestricabile difficile da ricondurre in categorie giuridiche definite”.²³

Dalla antica “partecipazione”, però, la democrazia partecipativa “pretende staccarsi”, “facendo maturare una più intensa presenza della attività dei cittadini nell'attività istituzionale”.

Tra le definizioni date dagli studiosi nel tentativo di fare chiarezza vi è quella secondo cui le pratiche di democrazia partecipativa “costituiscono procedure in cui istituzioni e società *compartecipano* nella formazione di una decisione o altra attività pubblica, con un ruolo forte di entrambe”.²⁴

Quindi esse si distinguerebbero dalle altre forme della democrazia: quella rappresentativa, diretta, deliberativa e anche dalla sussidiarietà”.

¹⁸ PICCIACCHIA, Paola. La ricerca dell'incerta sintesi tra democrazia rappresentativa e partecipativa. Riflessioni a margine del Grand Débat National. *Diritto Pubblico comparato ed europeo on line*. Milano, anno 20, vol.44, n. 3, p. 3193-3223. Disponibile in: <https://www.dpceonline.it/index.php/dpceonline/article/view/1148>.

¹⁹ ARENA, Gregorio; COTTURI, Giuseppe. Introduzione. ARENA, Gregorio; COTTURI, Giuseppe. *Il valore aggiunto*. Come la sussidiarietà può salvare l'Italia, Bari, Carocci, 2010, p. 37.

²⁰ ALLEGRETTI Ugo. La democrazia partecipativa in Italia e in Europa. *Rivista telematica giuridica dell'Associazione Italiana dei costituzionalisti*. Roma, anno 11, n.1, gen./mar., p. 3. Disponibile in: <https://www.rivistaaic.it/images/rivista/pdf/ALLEGRETTI.pdf.1>, p. 1.

²¹ p. 2. CHIRULLI, Paola; IAIONE, Christian (a cura di). *La co-città*. Diritto urbano e politiche pubbliche per i beni comuni e la rigenerazione urbana. Napoli: Jovene, 2018. MICCICHÉ, Calogero. *Beni comuni: risorse per lo sviluppo sostenibile*. Napoli: Editoriale scientifica, 2018.

²² MANGANARO, Francesco; PIARAINO, Andrea. La partecipazione popolare negli statuti comunali. *Il Politico*, Rivista italiana di scienze politiche. Milano, anno 93, vol.58, n. 3 (166), lugl./sett., p. 415-453. Disponibile in: <https://www.jstor.org/stable/43101430>.

²³ NIGRO, Mario. Il nodo della partecipazione. *Rivista trimestrale di diritto processuale civile*. Milano, anno 80, p. 225.

²⁴ ARENA, Gregorio; COTTURI, Giuseppe. *Introduzione*. ARENA, Gregorio; COTTURI, Giuseppe. *Il valore aggiunto*. Come la sussidiarietà può salvare l'Italia, Bari, Carocci, 2010, p. 37.

Quest'ultima in particolare che “attiene alla sfera del fare”, invece le pratiche di democrazia partecipativa riguarderebbero il “discutere e decidere”.²⁵

Se volessimo tracciare una distinzione con la democrazia deliberativa possiamo dar conto del pensiero di una parte degli studiosi che ritiene di poter fare riferimento a due elementi distintivi della prima rispetto alla seconda e cioè “a) tutte le forme di democrazia partecipativa danno vita a tecniche dirette a permettere che tutti coloro che sono interessati da una decisione pubblica siano consultati ed esprimano una propria posizione; 2) l'effetto della partecipazione non è quello di trasferire il potere decisionale finale in capo ai partecipanti”.²⁶

Diversamente, altri studiosi sostengono che la stessa democrazia deliberativa sarebbe una forma di democrazia partecipativa dai “contorni più circoscritti e definiti”.²⁷

Nella ricerca di una definizione a noi preme soprattutto evidenziare il crescente interesse per il tema della democrazia partecipativa a livello locale e sovranazionale, quindi al rafforzamento in generale dei meccanismi democratici anche rispetto ai soggetti cd. Deboli.²⁸

Abbiamo infatti bisogno di nuove pratiche partecipative nelle quali si possano affermare esigenze di *giustizia sociale* e di *lotta alle disuguaglianze*.²⁹

Aspetto questo che è presente più in America Latina e meno in Europa”.³⁰

3 Gli interessi “non corporati” nella modernità “liquida”: “deboli”, “locali”, “esclusi”

Per passare al secondo punto, sul piano dell'azione amministrativa la dottrina ha individuato una “quantità di interessi”, cd. *deboli* perché non hanno trovato

²⁵ ALLEGRETTI, Ugo. La democrazia partecipativa in Italia e in Europa. *Rivista telematica giuridica dell'Associazione Italiana dei costituzionalisti*, anno 11, n. 1, gen./mar., p. 3. Disponibile in: <https://www.rivistaaic.it/images/rivista/pdf/ALLEGRETTI.pdf>, p. 5.

²⁶ Cfr. BIFULCO, Raffaele. *Democrazia deliberativa e democrazia partecipativa*. Firenze, 2-3 aprile 2009. Relazione al Convegno “La democrazia partecipativa in Italia e in Europa: esperienze e prospettive”. Firenze, 2-3 aprile 2009. Disponibile in: <https://www.astrid-online.it>, p. 4.

²⁷ Cfr. BOBBIO, Norberto. Dilemmi della democrazia partecipativa. *Democrazia e Diritto*. Milano, anno 16, p.14. ALLEGRETTI, Ugo. Procedura, procedimento e processo: un'ottica di democrazia partecipativa. *Diritto Amministrativo*, Milano, anno 07, n.4, ott./dic., p. 779.

²⁸ DI GREGORIO, Angela. Democrazia partecipativa e integrazione dei gruppi deboli. Una premessa Participatory democracy and integration of vulnerable groups. An Introduction. *Diritto Pubblico comparato ed europeo on line*. Milano, anno 23, n.2, vol. 59, p. 1837-1853.

²⁹ Sulla domanda e necessità di uguaglianza di recente v. MORLINO, Leonardo; RANIOLO Francesco. *Disuguaglianza e democrazia*. Milano: Mondadori Università, 2022.

³⁰ ALLEGRETTI, Ugo. La democrazia partecipativa in Italia e in Europa. *Rivista telematica giuridica dell'Associazione Italiana dei costituzionalisti*, anno 11, n. 1, gen./mar., p. 3. Disponibile in: www.rivistaaic.it/images/rivista/pdf/ALLEGRETTI.pdf, p. 5. Sui processi decisionali inclusivi in Italia v. BOBBIO, Luigi (a cura di). *A più voci*, Napoli: Edizioni Scientifiche italiane, 2004.

solidità in un diritto riconosciuto dalla legge.³¹ Gli stessi sono contrapposti agli interessi cd. *forti*, cioè consolidati in diritti soggettivi o interessi legittimi. Questi ultimi sono perciò detti *corporati*, o qualificati o istituzionalizzati. I primi invece sono *non corporati*. Sono gli interessi dei “semplici *abitanti* rispetto a quello dei proprietari”, dei *lavoratori* e degli *studenti* che frequentano una località in modo abituale, i diritti materiali e culturali di coloro che fruiscono di un *paesaggio* o un *ambiente* senza avere con essi un rapporto consolidato, degli *stranieri* che beneficiano di attività amministrative, coloro che hanno interesse alla *sicurezza* del luogo, di coloro che fruiscono come semplici soggetti umani di “beni non appropriabili”.³²

In riferimento alla giuridica debolezza di questi interessi si afferma in modo specifico che la legge generale sul procedimento amministrativo conterrebbe due grosse lacune: la prima dettata dalla mancanza di una disciplina generale sull'inchiesta pubblica;³³ la seconda dalla esclusione degli istituti della partecipazione – ai sensi dell'art. 13 della legge 7 agosto 1990, n. 241 – degli atti normativi, generali e di pianificazione e programmazione.

Gli istituti di partecipazione sono attualmente previsti in alcune leggi speciali.

Immaginiamo ora di voler considerare tre diversi ambiti di riferimento: il primo quello degli appalti pubblici, il secondo della transizione energetica e del cambiamento climatico, il terzo invece il diritto dell'abitare dove è particolarmente evidente la dimensione sociale di inclusione delle politiche pubbliche rispetto a situazioni di marginalità estrema.

Riguardo al primo punto il riferimento agli appalti pubblici è qui utile perché ambito in cui la partecipazione civica ha ricevuto un forte impulso, in special modo con la previsione del dibattito pubblico negli appalti per le grandi opere pubbliche,³⁴ sul modello del *Grand Débat National* francese.³⁵

³¹ In ambito contrattuale più strettamente privatistico e che riguarda i profili connessi alla negoziazione PERLINGERI, Pietro. La tutela del “contraente debole”. *Rassegna di Diritto Civile*. Napoli, anno 00, p. 747-759 afferma che “la categoria generale del contraente debole [...] rappresenta descrittivamente i diversi destinatari di un insieme di tutele aventi [...] la presunzione (ovviamente a priori) di uno squilibrio a carico di determinate parti di determinate negoziazioni. Si tratta di una categoria generale che non possiede un proprio rilievo pratico, là dove proprio le singole summenzionate discipline concorrono alla frammentazione del relativo statuto in una pluralità di statuti”.

³² ALLEGRETTI, Ugo. Procedura, procedimento e processo: un'ottica di democrazia partecipativa. *Diritto Amministrativo*, Milano, anno 07, n.4, ott./dic., p. 786.

³³ V. CASINI, Lorenzo. L'inchiesta pubblica. Analisi comparata. *Rivista trimestrale di diritto pubblico*. Milano, anno 07, n. 1, gen./mar., p. 43.

³⁴ Con riferimento agli appalti per le grandi opere pubbliche cfr. il Decreto del Presidente del Consiglio dei Ministri del 10 maggio 2018, n. 76; successivamente la Raccomandazione n. 1 del 15 maggio 2021 del Ministero delle Infrastrutture sul dibattito pubblico ordinario.

³⁵ PICCIAACCHIA, Paola. La ricerca dell'incerta sintesi tra democrazia rappresentativa e partecipativa. Riflessioni a margine del Grand Débat National. *Diritto Pubblico comparato ed europeo on line*. Milano, anno 20, vol. 44, n. 3, p. 3193 – 3223. Disponibile in: <https://www.dpceonline.it/index.php/dpceonline/article/view/1148>.

Tuttavia nell'ultima riforma del Codice Appalti, oggi il d.lgs. 31 marzo 2023 n. 36, possiamo intravedere un arretramento riguardo alla partecipazione democratica sebbene essa sia in generale uno strumento che è capace di mobilitare buona parte della comunità locale³⁶ e per ciò solo di abbassare il livello di conflittualità e allo stesso tempo accelerare i tempi di realizzazione dell'opera.

Questa diminuzione degli spazi di partecipazione dei cittadini va ad ampliare l'ambito degli interessi “*esclusi*”: degli interessi di coloro che secondo la disciplina contenuta nel nuovo Codice non sarebbero più in grado di offrire il proprio contributo di partecipazione alla decisione pubblica.

Infatti in conseguenza delle ultime riforme legate all'attuazione del Piano Nazionale di Ripresa e Resilienza, il dibattito pubblico sarebbe attualmente previsto solo con riferimento ad alcune tipologie di opere, ma non a tutte.³⁷

Inoltre se guardiamo alla Relazione del Consiglio di Stato sullo schema definitivo del Codice dei Contratti pubblici non vi è cenno alla Commissione Nazionale per il dibattito pubblico, organo essenziale incaricato del monitoraggio sul corretto svolgimento della procedura del dibattito pubblico e sul rispetto della partecipazione del pubblico, quindi anche sulla necessaria informazione durante la procedura.³⁸

La motivazione per la quale mancherebbe il riferimento alla Commissione è quella secondo cui varrebbe il principio di una generale “fiducia” nei confronti della pubblica amministrazione insieme alla più e poi ampia opera di “semplificazione”, “snellimento”, “razionalizzazione”³⁹ delle procedure nella realizzazione delle opere pubbliche.

Se passiamo al tema dell'ambiente le politiche attualmente poste in essere sono quelle che si inseriscono nel cd. *Green New Deal* e si caratterizzano per una maggiore apertura verso la partecipazione pubblica: questo per opera del legislatore europeo.

³⁶ v. BOBBIO, Luigi. Il dibattito pubblico sulle grandi opere. Il caso dell'autostrada di Genova. *Rivista italiana di politiche pubbliche*. Bari, anno 10, n.11, nov., p. 119-146.

³⁷ Cfr. le linee guida nella Raccomandazione n 2 del 2021 del Ministero delle Infrastrutture sul procedimento abbreviato di dibattito pubblico relativamente ad alcune tipologie di opere indicate nel d.l. 7/2021 e legate al Piano Nazionale di Ripresa e resilienza.

³⁸ Art. 4, commi da 5 a 8 del Decreto del Presidente del Consiglio dei Ministri 10 maggio 2018, n. 76.

³⁹ Relazione del Consiglio di Stato sullo Schema definitivo di Codice dei Contratti Pubblici in attuazione dell'articolo 1 della legge 21 giugno 2022, n. 78, recante “Delega al Governo in materia di contratti pubblici”. Disponibile in: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfindmkaj/https://www.giustizia-amministrativa.it/documents/20142/17550825/3_CODICE+CONTRATTI+RELAZIONE.pdf/d3223534-d548-1fdc-4be4-e9632c641eb8?t=1670933091420](https://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfindmkaj/https://www.giustizia-amministrativa.it/documents/20142/17550825/3_CODICE+CONTRATTI+RELAZIONE.pdf/d3223534-d548-1fdc-4be4-e9632c641eb8?t=1670933091420).

L'art. 9 del Regolamento europeo che "istituisce il quadro per il conseguimento della neutralità climatica" consentirebbe ad esempio alla Commissione europea di "coinvolgere tutte le componenti sociali per offrire loro la possibilità, e investire della responsabilità, di impegnarsi a favore di una transizione *giusta* ed *equa* sul *piano sociale* verso una società climaticamente neutra e resiliente al clima, anche mediante il patto europeo per il clima". Si dice espressamente che "i cittadini e le comunità svolgono un ruolo decisivo nel portare avanti la transizione verso la neutralità climatica, pertanto è opportuno incoraggiare e agevolare un impegno pubblico e sociale forte a favore dell'azione per il clima a tutti i livelli, anche nazionale, regionale e locale in un processo inclusivo e accessibile".⁴⁰

La dottrina ha visto in questa affermazione due aspetti di fondamentale importanza che sono stati delineati dal legislatore europeo e che potrebbero guidare il legislatore nazionale: il primo che è quello della "possibilità" data agli *interessati* di essere coinvolti nelle decisioni pubbliche di regolazione del settore; il secondo l'aspetto della "responsabilità" o anche l'assunzione di responsabilità da parte dei privati come "attori" del cambiamento unitamente alle autorità pubbliche. Spetterebbe poi di fatto alla Commissione il compito di individuare gli strumenti e le regole idonei per "facilitare i processi inclusivi e accessibili".⁴¹

In una prospettiva di sistema apparirebbe cambiata la logica delle nuove politiche ambientali che sono derivate dall'Accordo di Parigi. Sono previsti infatti "meccanismi attuativi volontari" per il raggiungimento degli obiettivi di riduzione degli effetti che derivano dal cambiamento climatico. La spinta verso le "soluzioni dal basso" è manifesta, così come la necessità che via sia una aggregazione "a livello internazionale".⁴²

La prospettiva in questo senso è quella di avviare processi inclusivi in considerazione degli interessi "locali" tenendo conto del contesto "globale".

Come terzo e ultimo ambito di riferimento possiamo considerare le politiche cc.dd. di *housing sociale* volte a proteggere il diritto sociale all'abitazione⁴³ che

⁴⁰ Punto (38) del Regolamento (UE) 2021/1119 del Parlamento Europeo e del Consiglio del 30 giugno 2021, che istituisce il quadro per il conseguimento della neutralità climatica e che modifica il regolamento (CE) n. 401/2009 e il regolamento (UE) 2018/1999 («Normativa europea sul clima»), in chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://eur-lex.europa.eu/legal-content/IT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32021R1119&from=EN.

⁴¹ BEVILACQUA, Dario. La normativa europea sul clima e il green new deal. Una regolazione strategica di indirizzo. *Rivista Trimestrale di diritto pubblico*. Milano, anno 22, n.2, apr./giu., p. 297-328.

⁴² BEVILACQUA, Dario. La normativa europea sul clima e il green new deal. Una regolazione strategica di indirizzo. *Rivista Trimestrale di diritto pubblico*. Milano, anno 22, n.2, apr./giu., p. 297-328.

⁴³ Sul tema di recente GUSMAI, Antonio. Noterelle sul diritto dell'abitare degli homines migrantes. *Rivista Giuridica Ambientalediritto.it*, anno 23, n. 1, p. 1-21. Disponibile in: https://www.ambienteditto.it/wp-content/uploads/2023/03/NOTERELLE-SUL-DIRITTO-ALLABITARE-DEGLI-HOMINES-MIGRANTES_Gusmai.pdf.

nulla ha a che vedere con il diritto dominicale e che è considerato “debole” ed “evanescente” in relazione al potere legislativo perché esclusivamente sottomesso alla logica delle risorse del bilancio pubblico.

Anche in questo terzo ambito la via d’uscita delineata a livello europeo potrebbe essere quella dell’intervento dei privati finanziatori nel rispetto del principio di sussidiarietà.⁴⁴

Altre e numerose potrebbero essere le esperienze da considerare e che affondano le radici nei processi di democrazia partecipativa e comunque di processi definiti di *bottom up*.

Tutti – a parere di autorevole studioso – hanno in comune la capacità di riequilibrare almeno parzialmente le “situazioni solide contro la liquidità esorbitante del capitale e dei soggetti forti, glocali, inclusi”. Di dare cioè “voce” agli interessi “deboli”.

Nella attuale società liquida⁴⁵ la democrazia partecipativa consentirebbe di far recuperare agli “esclusi” una qualche capacità di movimento,⁴⁶ dando “voce”⁴⁷ agli interessi “deboli” non corporati.

Poiché tutti i portatori di “tutte le opinioni e gli interessi rilevanti” andrebbero coinvolti nella partecipazione: a questo riguardo la perifrasi trova più diffusamente sintesi nel sostantivo *stakeholders*, di derivazione economica e con significato socio-politico.

Questo a rimarcare che la sfida della democrazia partecipativa si “gioca” sulla “questione cruciale dei soggetti”.⁴⁸

4 La Conferenza sul Futuro dell’Europa in risposta alle crisi dell’area euro-unitaria. Criticità e prospettive future della democrazia partecipativa

Per passare al terzo punto, diamo conto del fatto che vi sono esperienze in cui l’apertura ai cittadini ha consentito alcune riflessioni sulle criticità attuali del

⁴⁴ MARCHETTI, Gloria. La tutela del diritto all’abitazione tra Europa, Stato e Regioni e nella prospettiva del Pilastro europeo dei diritti sociali. *Rivista di diritto pubblico italiano comparato ed europeo*. Roma, anno 18, n. speciale 4, p. 184-218. Disponibile in: <https://www.federalismi.it/ApiOpenFilePDF.cfm?artid=37071&dpath=document&dfile=13092018145920.pdf&content=La%2Btutela%2Bdel%2Bdiritto%2Balla%2Babitazione%2Btra%2BEuropa%2C%2BStato%2Be%2BRegioni%2Be%2Bnella%2Bprospettiva%2Bdel%2BPilastro%2Beuropeo%2Bdei%2Bdiritti%2Bsociali%2B-%2BStato%2B-%2Bdottrina%2B-%2B>

⁴⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Modernità liquida*. Roma-Bari: Laterza, 2011.

⁴⁶ ALLEGRETTI, Ugo. Procedura, procedimento e processo: un’ottica di democrazia partecipativa. *Diritto Amministrativo*, Milano, anno 07, n. 4, ott./dic., p. 796.

⁴⁷ BOBBIO, Luigi (a cura di). *A più voci*. Napoli: Edizioni Scientifiche italiane, 2004, p. 40.

⁴⁸ ALLEGRETTI, Ugo. Procedura, procedimento e processo: un’ottica di democrazia partecipativa. *Diritto Amministrativo*, Milano, anno 07, n.4, ott./dic., p. 796.

processo partecipativo e di esse occorre ora parlare anche allo scopo di delineare alcune prospettive future.⁴⁹

Il punto di partenza per le nostre osservazioni è rappresentato dalla Dichiarazione comune sulla Conferenza sul futuro dell'Europa adottata nel 2020 dal Parlamento, dal Consiglio e dalla Commissione europea.⁵⁰

Particolarmente evocativo è il titolo della dichiarazione e cioè “Dialogo con i cittadini per la democrazia – Costruire un'Europa più resiliente”.

L'occasione è data nel 2019 dalla ancora scarsa partecipazione al voto per l'elezione dei membri del Parlamento Europeo (sebbene l'affluenza alle urne sia stata crescente rispetto agli anni passati) e dalla constatazione circa il fallimento⁵¹ della procedura di scelta dei candidati per l'elezione del Presidente della Commissione Europea, chiamata *Spitzenkandidaten* e introdotta nel 2014.⁵²

La Dichiarazione si inserisce nel solco delle “molteplici sfide” affrontate dall'Unione Europea e rappresenta la concretizzazione di alcuni insegnamenti che possono trarsi dalle crisi, compresa quella pandemica da Covid -19.

In essa è esaltato il ruolo del coinvolgimento stretto dei cittadini e della comunità. Obiettivo condiviso da parte delle tre istituzioni comunitarie è quello di aprire “un nuovo spazio di discussione con i cittadini per affrontare le sfide e le priorità dell'Europa. I cittadini europei di ogni contesto sociale e ogni angolo dell'Unione potranno partecipare, e i giovani europei svolgeranno un ruolo centrale nel plasmare il futuro del progetto europeo”.

Il desiderio è quello secondo cui “i cittadini prendano parte al dibattito e dicano la loro sul futuro dell'Europa”. Per questo l'impegno concreto consiste nell'organizzazione di “eventi in partenariato con la società civile e le parti interessate a livello europeo, nazionale, regionale e locale, con i parlamenti

⁴⁹ Sugli strumenti di democrazia rappresentativa e partecipativa nel processo di integrazione europea v. SICLARI, Domenico, La democrazia partecipativa nell'ordinamento comunitario: sviluppi e attuali prospettive. *Amministrazione in Cammino*. Rivista elettronica di diritto pubblico, di diritto amministrativo, di diritto dell'economia e di scienza dell'amministrazione, Roma, anno 09, n. 4, p. 1-16. Disponibile in: <https://www.amministrazioneincammino.luiss.it/2009/11/18/la-democrazia-partecipativa-nell-ordinamento-comunitario-sviluppi-attuali-e-prospettive/>.

⁵⁰ Parlamento europeo, Consiglio europeo, Commissione europea, Dichiarazione Comune sulla Conferenza sul Futuro dell'Europa – Dialogo con i cittadini per la democrazia. Costruire un'Europa più resiliente, Strasburgo, 2020.

⁵¹ DE WILDE, Pieter P. De Wilde, *The Fall of Spitzenkandidaten. Political parties and conflict in the 2019 European crisis*. Londra: Routledge 2020.

⁵² MÜLLER GÓMEZ, Johannes; WESSELS Wolfgang. The Spitzenkandidaten Procedure: Reflecting on the Future of an Electoral Experiment. *Istituto Affari Internazionali*. Roma, anno 16, n. working Papers, p. 1-26. Disponibile in: www.iai.it/sites/default/files/iaiw1608.pdf.

nazionali e regionali, il Comitato delle regioni, il Comitato economico e sociale, le parti sociali e il mondo accademico”.⁵³

All'esito delle consultazioni pubbliche, chiuse a maggio 2022, di particolare interesse sono i risultati ottenuti sulla partecipazione perché consentono di riflettere anche sui rischi degli strumenti di democrazia partecipativa⁵⁴ ma anche di discutere intorno agli insegnamenti sul futuro degli stessi.⁵⁵

Innanzitutto occorre tener conto del ruolo del pubblico potere nella sollecitazione di un dialogo ampio dal punto di vista del numero dei partecipanti, sicuramente poi della capacità degli stessi di rappresentare tutti gli interessi delle comunità,⁵⁶ quindi della necessità di arginare i tentativi di prevalenza da parte di gruppi associativi di pressione particolarmente forti,⁵⁷ e ancora di bilanciare gli interessi e ponderare le posizioni dei soggetti coinvolti, di valutare il collegamento diretto con la decisione finale, infine stabilire gli effetti dell'uso della tecnologia digitale.⁵⁸

Valutiamo ai nostri fini solo alcuni degli aspetti indicati. In particolare il primo e l'ultimo punto, quindi faremo un cenno al ruolo delle istituzioni europee e dei cittadini rispetto alla concretizzazione delle proposte fatte.

Sotto il primo profilo da una analisi intermedia compiuta sui dati quantitativi dei partecipanti è emersa in percentuale, rispetto alla possibile platea degli interessati, una “drammatica sottigliezza dell'incidenza” di coloro che hanno contribuito, quale criticità in ordine alle attività avviate dalle istituzioni europee.⁵⁹

⁵³ Parlamento europeo, Consiglio europeo, Commissione europea, Dichiarazione Comune sulla Conferenza sul Futuro dell'Europa – Dialogo con i cittadini per la democrazia. Costruire un'Europa più resiliente, Strasburgo, 2020.

⁵⁴ Sulle potenzialità e i rischi degli strumenti di democrazia partecipativa v. DI GREGORIO, Angela, *Democrazia partecipativa e integrazione dei gruppi deboli. Una premessa. Diritto Pubblico comparato ed europeo on line*, Milano, anno 23, n. 2, p. 1837-1853. Disponibile in: <https://www.dpceonline.it/index.php/dpceonline/article/view/1946/1956>.

⁵⁵ SGUEO, Gianluca. La conferenza sul futuro dell'Europa. *Rivista trimestrale di diritto pubblico*. Milano, anno 22, n.1, gen./mar., p. 21-47, in cui sono individuati tra insegnamenti sul futuro della partecipazione democratica. Il primo che “*riguarda la gestione delle aspettative che generano i processi partecipativi*”. Il secondo che è legato alla “*possibilità che i processi e strumenti innovativi possano convivere pacificamente in contesti ossificati e resistenti all'innovazione*”. Infine il terzo insegnamento che “*guarda con ottimismo alla sperimentazione nel campo della partecipazione – non come grimaldello per le riforme, ma come prassi da radicare nei sistemi decisionali democratici*”.

⁵⁶ MOLASCHI, Viviana. *Le arene deliberative. Contributo allo studio delle nuove forme di partecipazione nei processi di decisione pubblica*. Napoli: Editoriale Scientifica, 2018.

⁵⁷ SICLARI, Domenico. La democrazia partecipativa nell'ordinamento comunitario: sviluppi e attuali prospettive. *Amministrazione in Cammino*. Rivista elettronica di diritto pubblico, di diritto amministrativo, di diritto dell'economia e di scienza dell'amministrazione, Roma, anno 09, n. 4, p. 1-16. Disponibile in: <https://www.amministrazioneincammino.luiss.it/2009/11/18/la-democrazia-partecipativa-nell-ordinamento-comunitario-sviluppi-attuali-e-prospettive/>.

⁵⁸ Di recente DI COSIMO, Giovanni, *La partecipazione nell'era digitale*. In DI COSIMO, Giovanni (a cura di). *Processi democratici e tecnologie digitali*. Torino: Giappichelli, 2023, p. 231-239.

⁵⁹ SGUEO, Gianluca. La conferenza sul futuro dell'Europa. *Rivista trimestrale di diritto pubblico*, Milano, anno 22, n.1, gen./mar., p. 29.

Tuttavia è ritenuta affrettata la conclusione secondo cui la Conferenza nella sua modalità *on line* sarebbe stata certamente fallimentare fino a quel momento. Infatti nelle considerazioni dell'autore il dato in sé non avrebbe rilevanza significativa se si considera tra l'altro che in alcune precedenti esperienze – quella francese e quella italiana ad esempio – priva di senso sarebbe stata l'individuazione di una soglia minima in termini numerici su cui ancorare la validità della consultazione.

In effetti si aggiunge che non sussisterebbe neppure una stretta correlazione tra quantità dei partecipanti e rappresentatività degli interessi tutti. Questione che le istituzioni europee nel caso della Conferenza sul futuro dell'Europa hanno provato di fatto a salvaguardare attraverso la ripartizione delle attività in panel tematici e quindi sollecitato la consultazione dei cc.dd. mini-pubblici, appunto differenziati in base all'oggetto della discussione.

Questo per consentire di ampliare il novero degli interessi e dei gruppi coinvolti ma anche per cercare di arginare (*rectius* contenere) le possibili ineguaglianze – i cc.dd. *bias* – che potrebbero essere il frutto di condizioni disabilitanti certamente connesse all'uso delle tecnologie informatiche nei processi partecipativi.

Su quest'ultimo punto – e veniamo alla valutazione tra tecnologia e democrazia – allora se da un lato l'uso della tecnologia consente la semplificazione delle procedure⁶⁰ anche in termini di costi, di tempo e di celerità nella circolazione delle informazioni, dall'altro pone almeno due principali problemi: quello della discriminazione all'accesso se non addirittura quello della totale esclusione dalla partecipazione su piattaforma.⁶¹

Accanto poi ai profili di cui si è detto la Dichiarazione comune sulla Conferenza sul futuro dell'Europa è stata criticata sotto una diversa prospettiva.

Cioè si è affermato che l'ambiguità e il compromesso sui contenuti avrebbe creato la “premessa di un futuro incerto”.

Più precisamente per chiarire, “sia il mandato costituzionale che l'organizzazione istituzionale” sarebbero di per sé “indefiniti” all'interno della dichiarazione comune alle tre istituzioni.

⁶⁰ SPAGNOLO, Federica Anna; SORRENTI, Elisa. La trasformazione digitale come misura di semplificazione. *Federalismi.it Rivista di diritto pubblico italiano comparato europeo*. Roma, anno 21, n. 8, p. 1-14. Disponibile in: <https://www.federalismi.it/AppOpenFilePDF.cfm?artid=45093&dpath=document&dfile=23032021224724.pdf&content=La%2Btrasformazione%2Bdigitale%2Bcome%2Bmisura%2Bdi%2Bsemplificazione%2B-%2Bstato%2B-%2Bdottrina%2B-%2B>.

⁶¹ Sul tema del divario digitale di recente la Risoluzione del Parlamento europeo del 13 dicembre 2022 sul divario digitale: le differenze sociali create dalla digitalizzazione (2022/2810(RSP)) in C_2023177IT.01005701.xml (europa.eu) e il Consiglio di Stato, decreto presidenziale del 21 ottobre 2022, n. 5055, che espressamente fa riferimento al dovere della p.a. di soccorrere il cittadino non professionista nel caso di problemi informatici o carenze tecnologiche.

Difatti, si afferma che la Conferenza sarebbe stata fin dal principio concepita “come una via di mezzo tra un esercizio di democrazia partecipativa dal basso e di decisione dall’alto guidata dalle *élites*”.

Motivo per il quale si ritiene che alla fine spetterà agli attori istituzionali da un lato e ai cittadini dall’altro verificarne le potenzialità e consentire il superamento degli aspetti problematici.⁶²

Per fare questo occorre che consideriamo la relazione sul risultato finale di Maggio 2022⁶³ consegnata alle Istituzioni europee che, con lo sguardo rivolto alle prospettive future,⁶⁴ ha individuato 49 proposte e 326 provvedimenti utili per poterle realizzare.

Per quel che a noi riguarda, la proposta 22 è dedicata alla “trasparenza dell’Unione Europea e relazioni con i cittadini”.⁶⁵ In essa è fatto riferimento alla “accessibilità” alle istituzioni comunitarie e al miglioramento degli strumenti di “partecipazione dei cittadini”.

Al punto 2 è ulteriormente esplicitata la misura da adottare in futuro sulla base del modello sperimentato per il biennio 2020-2022: cioè “rafforzare la partecipazione dei cittadini alla politica internazionale dell’UE e organizzare eventi a livello nazionale, locale ed europeo che prevedano la partecipazione diretta dei cittadini, sul modello della Conferenza sul futuro dell’Europa, e la partecipazione attiva della società civile organizzata”⁶⁶ e ancora “offrire il pieno sostegno di tutte le parti interessate pertinenti ai cittadini che scelgano di partecipare alle attività delle organizzazioni della società civile, come avvenuto nel caso della pandemia da covid-19 e dell’Ucraina”.

⁶² FABBRINI, Federico. La Conferenza sul futuro dell’Europa: potenzialità e problematiche. *Centro studi sul federalismo*, Torino, anno 21, n. research paper, p. 1-20. Disponibile in: https://www.csfederalismo.it/images/CSF-RP_Conf-Futuro-Europa_F.Fabbrini_Giu2021.pdf.

⁶³ Conferenza sul futuro dell’Europa, Relazione sul risultato finale, Maggio 2022, Conferenza sul futuro dell’Europa (politicheeuropee.gov.it)

⁶⁴ NOCERA, Laura. La Conferenza sul futuro dell’Europa e le prospettive di una più attiva partecipazione dei cittadini europei. *Nuovi Autoritarismi e Democrazie: diritto, istituzioni, società*. Milano, anno 22, n. 1, p.1-7. Disponibile in: <https://riviste.unimi.it/index.php/NAD/article/view/18124/15856>.

⁶⁵ Sulla relazione tra trasparenza, democrazia e partecipazione dei cittadini cfr. ALTI, Tiziana; BARBIERI, Cristina. La trasparenza amministrativa come strumento di potere e democrazia. *Rivista trimestrale di diritto pubblico*, Milano, anno 2023, n. 2, apr./giu., p. 809-831, in cui si afferma che “La partecipazione è la possibilità di articolare e perseguire proposte differenziate, in coerenza ai propri interessi (di respiro più o meno vasto), e implica i canali per farlo e le arene per accordarsi. Gli accessi civici generalizzati non sono canali «partecipativi», a dispetto del termine che gli viene talora attribuito”.

⁶⁶ Cfr. il recente studio Commissione europea. *Direzione generale della Comunicazione*. Flash Eurobarometer A Public Opinion Monitoring Study. Civic Engagement, European Commission, Bruxelles, 2020. Disponibile in: https://www.europarl.europa.eu/at-your-service/files/be-heard/eurobarometer/2020/civic_engagement/report/en-report.pdf.

Superata quindi la fase della valutazione delle proposte presentate, che ha richiesto il lavoro congiunto della Commissione, del Parlamento e del Consiglio europeo, è ora il tempo di passare alla fase attuativa delle misure. Per questo il 2 dicembre 2022 le tre Istituzioni Europee hanno incontrato i cittadini, i quali hanno ricevuto le informazioni utili per conoscere più da vicino l'avvio della fase decisionale.

Per poter essere efficaci il Consiglio periodicamente discute del seguito della Conferenza, secondo quanto emerge dai documenti ufficiali.⁶⁷

In conclusione l'esperimento condotto dalle istituzioni europee e che riguarda la Conferenza sul futuro dell'Europa va tenuto in grande considerazione. Esso è definito come un "processo nuovo e innovativo che ha aperto un nuovo spazio di discussione con i cittadini per affrontare le sfide e le priorità dell'Europa". Ha l'obiettivo di "sostenere la legittimità democratica del progetto europeo e consolidare il sostegno dei cittadini a favore di obiettivi e valori comuni". È un processo cd. di *bottom up* e cioè dal "basso verso l'alto, incentrato sui cittadini, che ha consentito agli europei di esprimere la loro opinione su ciò che si aspettano dall'Unione Europea".⁶⁸

È un percorso che è stato avviato a seguito della maturata consapevolezza della perdita di fiducia nelle istituzioni europee – che si è concretamente tradotta nella scarsa affluenza al voto per l'elezione dei suoi rappresentanti. Il processo partecipativo ha visto da un lato l'impegno delle istituzioni europee nel favorire l'incontro tra "domanda e offerta di democrazia",⁶⁹ tuttavia nei suoi aspetti critici non è immune dai rischi propri di ogni strumento di democrazia partecipativa, e tuttavia potenzialmente adatto a essere considerato come modello in prospettiva futura per i suoi numerosi aspetti innovativi⁷⁰ e a cui il Consiglio europeo continua periodicamente a dedicare spazio nella prospettiva di adottare decisioni che realizzano le proposte fatte dai cittadini.

⁶⁷ Consiglio dell'Unione Europea, Segretariato Generale. *Il seguito dato dal Consiglio alla Conferenza sul futuro dell'Europa*. Disponibile in: www.consilium.europa.eu/media/64873/20231346_pdf_qc0423277itn_002.pdf.

⁶⁸ Conferenza sul futuro dell'Europa. *Relazione sul risultato finale*. Bruxelles, 2022. Disponibile in: <https://www.affarieturopee.gov.it/it/conferenza-sul-futuro-delleuropa/documenti/relazione-risultato-finale/>.

⁶⁹ FABBRINI, Federico. La Conferenza sul futuro dell'Europa: potenzialità e problematiche. *Centro studi sul federalismo*, Torino, anno 21, n. research paper, p. 1-20. Disponibile in: www.csffederalismo.it/images/CSF-RP_Conf-Futuro-Europa_F.Fabbrini_Giu2021.pdf.

⁷⁰ NOCERA, Laura. La Conferenza sul futuro dell'Europa e le prospettive di una più attiva partecipazione dei cittadini europei. *Nuovi Autoritarismi e Democrazie: diritto, istituzioni, società*. Milano, anno 22, n. 1, gen./mar., p.1-7. Disponibile in: <https://riviste.unimi.it/index.php/NAD/article/view/18124/15856>.

5 La legge organica sulla Partecipazione: le regioni Toscana, Emilia Romagna e Puglia

Per avviare il quarto punto sulle linee di tendenza attuali consideriamo che vi sono numerose esperienze di partecipazione in Italia rispetto alle quali è difficile operare una sintesi anche perché alcune afferiscono alla più ampia questione della crisi di democrazia rappresentativa e dei partiti politici⁷¹ mentre altre fanno riferimento al percorso di democratizzazione dell'attività amministrativa.⁷²

In entrambi i casi l'aspetto caratterizzante è quello del miglioramento della qualità delle norme e dei provvedimenti insieme al coinvolgimento di soggetti interessati.⁷³

Certamente di rilievo è lo sviluppo degli istituti di partecipazione in specifici settori per esempio rispetto all'ambiente, ma consideriamo qui la disciplina di alcuni processi partecipativi all'interno di alcune leggi regionali.

L'ambito territoriale bene si presta infatti al concepimento, alla sperimentazione e progettazione dei processi di partecipazione.⁷⁴

La Regione Toscana costituisce il precedente più significativo. La Regione Emilia Romagna e la Regione Puglia, come leggi successive, sono occasione di ulteriore riflessione per la realizzazione di un modello generale di partecipazione democratica che si libera dal vincolo settoriale.

Per favorire la diffusione della cultura partecipativa e lo scambio di nuove prassi le tre Regioni hanno siglato un protocollo d'intesa l'11 aprile 2022 con l'Associazione italiana per la Partecipazione Pubblica.

Come anticipato la Regione Toscana è stata la prima ad emanare una legge organica sulla partecipazione. La legge 27 dicembre 2007, n. 69 nella sua versione originale è stata presa a modello anche nel contesto europeo, non solo in quello italiano. Negli aggiornamenti della stessa ora contenuti nella legge 2 agosto 2013,

⁷¹ RIDOLA, Paolo. *Democrazia rappresentativa e parlamentarismo*. Torino: Giappichelli, 2011.

⁷² ALLEGRETTI, Ugo. *Democrazia partecipativa*. *Enciclopedia del Diritto*, Milano, anno 11, Annali, v. IV, 295-335. In senso critico sulla funzione di democratizzazione dell'amministrazione cfr. TRIMARCHI BANFI, Francesca. *La partecipazione civica al processo decisionale amministrativo*. *Diritto Processuale Amministrativo*. Milano, anno 19, n.1, gen./mar., p. 1-12.

⁷³ Di redente MEZZANOTTE, Paolo. Principio democratico e partecipazione alla decisione pubblica. *Rivista di diritto pubblico italiano, comparato, europeo*, Roma, anno 20, n.8, p. 138-157.

⁷⁴ CORTESE, Fulvio. Nuovi principi costituzionali e ridefinizione progettuale dello spazio operativo degli enti territoriali. *Munus Rivista giuridica dei servizi pubblici*. Roma, anno 21, n. 3, mag./ago., p. 5-14. TROISI, Michele. La partecipazione delle comunità territoriali nella legislazione regionale. Alcune riflessioni alla luce delle recenti leggi di Toscana, Emilia Romagna e Puglia. *Rivista di diritto pubblico italiano, comparato, europeo*, Roma, anno 18, n. 7, p. 1-31- Disponibile in: <https://www.federalismi.it/ApplOpenFilePDF.cfm?artid=36061&dpath=document&dfile=27032018183748.pdf&content=La%2Bpartecipazione%2Bdelle%2Bcomunità%2Bterritoriali%2Bnella%2Blegislazione%2Bregionale%2B-%2Bstato%2B-%2Bdottrina%2B-%2B>

n. 46 la partecipazione viene vista come forma ordinaria di governo e riguarda tutte le fasi dei processi decisionali. Tutti i soggetti possono partecipare come parte di una rinnovata democrazia e in quanto depositari del sapere civico.⁷⁵

Ancora una volta nella lettura di autorevole studioso “alla base della iniziativa politica e legislativa” che ha portato poi alla prima legge organica in Italia sulla partecipazione vi è “il logorarsi di un tessuto fiduciario” poiché a fronte di un progetto o di un intervento per un’opera pubblica si innesta con la comunità locale “un circolo vizioso che alimenta e logora il tessuto connettivo tra la società e le istituzioni della democrazia rappresentativa”. Da una parte “l’*illusione decisionista* di chi governa”, dall’altra “l’*illusione tecnocratica* che si possa oramai legittimare una scelta appellandosi solo ai saperi esperti e alle competenze scientifiche; ma dall’altra anche l’*illusione movimentistica*, che si nutre di forme di mobilitazione”. E allora la “diffusa propensione partecipativa” può aiutare a fuoriuscire da “un circuito perverso”. Essa deve trovare “i propri canali di espressione e soprattutto i modi e i canali di un’interazione positiva con il concreto prodursi dei processi e dei meccanismi decisionali delle istituzioni”.⁷⁶

L’Emilia Romagna è intervenuta con legge 9 febbraio 2010, n. 3 e rispetto alla precedente legge toscana si caratterizza in senso innovativo per la ibridazione degli “elementi di democrazia partecipativa con meccanismi concertativi”.⁷⁷ Aspetto che potrebbe contribuire a rendere più debole l’obiettivo della legge. Infatti la discussione pubblica è seguita da un “accordo tra i soggetti che hanno partecipato secondo un metodo che richiama le forme concertative della “democrazia associativa” o di quella “pluralistica””.

La legge presenta numerosi “tratti di affinità” con la legge toscana che segnano la distanza rispetto alla legge 241/1990: innanzitutto estende la partecipazione oltre la titolarità della posizione giuridica soggettiva; consente la partecipazione rispetto agli atti regolamentari e amministrativi regionali; l’esito della consultazione riguarda il piano dell’attività istruttoria.⁷⁸

⁷⁵ Sul tema di un ecosistema di conoscenza collaborativa tra il governo e i cittadini v. più approfonditamente – NOVECK, Beth Simone. *Wiki Government: how technology can make government better, democracy stronger and citizen more powerful*. Washington: Booking Institution press, 2009.

⁷⁶ FLORIDIA, Antonio. La democrazia deliberativa, dalle teorie alle procedure. Il caso della legge regionale Toscana sulla partecipazione. *Le istituzioni del Federalismo*, Bologna, anno 07, n. 5, set./ott., p. 603-680.

⁷⁷ CIANCAGLINI, Marco. Tra democrazia partecipativa e concertazione. La legge regionale 3/2010 dell’Emilia Romagna. *Le istituzioni del Federalismo*, Bologna, anno 11, n. 2, mar./apr., p. 215-253.

⁷⁸ CIANCAGLINI, Marco. Tra democrazia partecipativa e concertazione. La legge regionale 3/2010 dell’Emilia Romagna. *Le istituzioni del Federalismo*, Bologna, anno 11, n. 2, mar/apr., p. 215-253.

In ultima analisi la Regione Puglia è intervenuta con la legge del 13 luglio 2017, n. 28 sulla partecipazione “come forma ordinaria di amministrazione e di governo della Regione in tutti i settori e a tutti i livelli amministrativi”.⁷⁹

La legge estende ai singoli la partecipazione poiché “per soggetti titolari del diritto di partecipazione si intendono coloro che possono intervenire nei processi partecipativi, ossia i cittadini, gli stranieri e gli apolidi regolarmente residenti nel territorio interessato da processi partecipativi”.⁸⁰

Possono essere oggetto di partecipazione “le procedure e i procedimenti tesi alla elaborazione di atti normativi regionali (leggi e regolamenti), nonché alla elaborazione di atti di programmazione, di pianificazione e di progettazione regionali o di enti locali territoriali, lì dove tali atti presentino il carattere della generalità riferita a una collettività territoriale”.⁸¹

Inoltre prevede che i bandi e gli avvisi regionali attraverso possano definire “priorità” e attribuire “premierità ai progetti elaborati dagli enti locali attraverso processi partecipativi coerenza con i principi” della legge.

Infine, è stabilito che la Regione Puglia persegue gli obiettivi previsti “attraverso il confronto e la conoscenza fra i diversi attori territoriali, economici, del lavoro, sociali, culturali, scientifici per facilitare l’individuazione di obiettivi comuni e raggiungere soluzioni condivise nella elaborazione delle politiche pubbliche”.⁸²

Appare in tutta evidenza il fatto che le norme regionali di cui si è detto si inseriscano in quel fenomeno che è definito di “riemersione del territorio” inteso come “ambito di relazioni sociali e politiche dotate di maggiore pregnanza”,⁸³ come spazio economico,⁸⁴ colmo di “interessi più circoscritti” e capaci mettere in risalto la questione identitaria come risposta al fallimento dei recenti processi di integrazione.⁸⁵

⁷⁹ Art. 2, comma 1, lett a) l. 13 luglio 2017, n. 28.

⁸⁰ Art. 3, comma 1, l. 13 luglio 2017, n. 28.

⁸¹ Art. 3, comma 2 l. 13 luglio 2017, n. 28.

⁸² Art. 3 comma 2, lett a) legge 13 luglio 2017, n. 28

⁸³ TROISI, Michele. La partecipazione delle comunità territoriali nella legislazione regionale. Alcune riflessioni alla luce delle recenti leggi di Toscana, Emilia Romagna e Puglia. *Rivista di diritto pubblico italiano, comparato, europeo*. Roma, anno 18, n. 7, p. 1-31- Disponibile in: <https://www.federalismi.it/AppOpenFilePDF.cfm?artid=36061&dpath=document&dfile=27032018183748.pdf&content=La%2Bpartecipazione%2Bdelle%2Bcomunità%2Bterritoriali%2Bnella%2Blegislazione%2Bregionale%2B-%2Bstato%2B-%2Bdottrina%2B-%2B>

⁸⁴ BARBATI, Carla. Territori ed interessi economici: le politiche dei luoghi per lo sviluppo locale. *Le Istituzioni del Federalismo*, Bologna, anno 09, n. 2, mar./apr., p. 207-372.

⁸⁵ TROISI, Michele. La partecipazione delle comunità territoriali nella legislazione regionale. Alcune riflessioni alla luce delle recenti leggi di Toscana, Emilia Romagna e Puglia. *Rivista di diritto pubblico italiano, comparato, europeo*, Roma, anno 18, n. 7, p. 1-31- Disponibile in: <https://www.federalismi.it/AppOpenFilePDF.cfm?artid=36061&dpath=document&dfile=27032018183748.pdf&content=La%2Bpartecipazione%2Bdelle%2Bcomunità%2Bterritoriali%2Bnella%2Blegislazione%2Bregionale%2B-%2Bstato%2B-%2Bdottrina%2B-%2B>

6 Il *Nuevo Reglament de participació ciutadana* per la città di Barcellona: strumenti per l'inclusione dei gruppi deboli

Tra le esperienze locali decidiamo di approfondire ulteriormente il tema della partecipazione cittadina⁸⁶ attraverso lo studio di alcuni modelli di innovazione democratica sperimentati nella città di Barcellona, capoluogo della Catalogna, che è stata la prima capitale europea della democrazia per il periodo da settembre 2023 ad agosto 2024. Questo per decisione del Consiglio dei Comuni e delle Regioni europee.⁸⁷

Infatti si afferma che “è qui che le nuove idee e la partecipazione democratica sono nella posizione migliore per fiorire. La Capitale europea della democrazia non solo riconosce l'eccellenza, ma la propone come fonte di ispirazione per gli altri”.⁸⁸

La città di Barcellona, infatti, offre preziosi spunti di riflessione per i suoi progetti sempre nuovi di partecipazione civica, ma soprattutto per il *Nuevo Reglament de participació ciutadana*,⁸⁹ approvato il 27 maggio 2022 dalla Plenaria del Consiglio Comunale che ha mantenuto l'assetto del precedente regolamento del 2017, impugnato e successivamente annullato dai giudici.⁹⁰

Il Regolamento ha consolidato strumenti e metodi già esistenti di democrazia diretta e indiretta⁹¹ per esempio le iniziative cittadine, gli organismi di partecipazione, i processi partecipativi e le consultazioni cittadine.⁹²

⁸⁶ Sul tema GUICHOT, Emilio, Transparencia y acceso a la información en las entidades locales vascas. *Revista Vasca de Administración Pública*, Gipuzkoa, anno 17, n. extra-107 (2), p. 555-583; ma anche PORRO GUTIERREZ, Jacinto Manuel, Participación ciudadana en el ámbito local: aproximación a la estructura normativa desde los reglamentos de participación ciudadana. *Revista Aragonesa de Administración Pública*, Zaragoza, anno 17, n.39-40, p. 387-401.

⁸⁷ Il Consiglio dei Comuni e delle Regioni d'Europa (CEMR) è la più ampia associazione europea di governi locali e regionali. Disponibile in: https://ccre.org/en/article/introducing_cemr.

⁸⁸ PEJČINOVIC BURIC, Marija. Segretario Generale del Consiglio d'Europa in un video messaggio di congratulazioni a Barcellona. Disponibile in: capitalofdemocracy.eu/it/introducing-the-first-european-capital-of-democracy/.

⁸⁹ Disponibile in: https://www.barcelona.cat/infobarcelona/es/tema/participacion/el-nuevo-reglamento-de-participacion-ciudadana-consolida-y-actualiza-los-mecanismos-de-democracia-directa_1191123.html 29/06/2022 10:58 h.

⁹⁰ La sentenza n. 874/2019, del 25-10-2019 del TSJ della Catalogna ha dichiarato la nullità del regolamento sulla partecipazione dei cittadini del 2017. Il Comune di Barcellona ha presentato ricorso contro la suddetta sentenza e il 1º marzo 2021 l'Alta Corte ha notificato la decisione di non ammettere il ricorso.

⁹¹ Sul dibattito democrazia diretta vs democrazia indiretta MAESO SECO, Luis. Debates, trascendencia y fundamentos de la participación ciudadana a la luz del Derecho Administrativo. In SIERRA ROGRIGUEZ, Javier; REVIREGO PICÓN, Fernando; TUDELA ARANDA, José (Eds.) *Escenarios de la participación ciudadana: una visión multinivel*. Colección Obras colectivas, Fundación Manuel Giménez Abad, Zaragoza, 2022. p. 61-117.

⁹² Sul tema GIFREU I FONT, Judith. La participació ciutadana a l'àmbit local. In GIFREU I FONT, Judith (coord. por). *Introducció al dret local de Catalunya*, Barcelona: Cedecs, 2002, p. 377-394. Sulla collaborazione pubblico privata GIFREU I FONT, Judith. Mecanismos de colaboración público-privada para a provisión y la explotación económica de vivienda asequible: un juego de suma positiva. In *Revista catalana dret públic*, Barcelona, anno 23, n. 66, p. 56-85.

Essi hanno a che vedere con l'affermazione del “governo aperto”⁹³ e la necessità che l'azione amministrativa sia trasparente⁹⁴ non solo per garantire il controllo ma per permettere la collaborazione e il sostegno dei cittadini nella elaborazione di norme e di provvedimenti amministrativi.⁹⁵

Insieme a questo il *Nuevo Reglament* ha recepito i cambiamenti e le innovazioni proprie del tessuto sociale e anche economico.⁹⁶

Tra queste l'uso delle nuove tecnologie⁹⁷ rendono il modello catalano “permanentemente attualizzato” poiché consentono di tenere sempre aperti i canali di comunicazione tra privati e pubblica amministrazione.⁹⁸

Tra le piattaforme digitali più conosciute *decidim.barcelona* ha consentito alla amministrazione locale catalana di migliorare l'approccio verso l'esterno, attraverso le garanzie di informazione ai cittadini, di accesso ai processi partecipativi, di controllo delle decisioni.⁹⁹

Si vedrà che il Regolamento è un *crescendo* nella disciplina dei dettagli per una partecipazione cittadina inclusiva e sostanziale.

Esso consta di dieci capitoli nonché delle disposizioni aggiuntive, transitorie e finali.

Proprio riguardo all'uso della tecnologia e alla “partecipazione solo digitale” al fine di evitare discriminazioni all'accesso è previsto che l'Amministrazione debba

⁹³ MONTECARO, Maria Dolores. *Gobierno Abierto como oportunidad de cambio*. Madrid, Dykinson, 2020. CARMONA GARIAS, Simona. *Democracia y gobierno abierto: una nueva cultura administrativa*. New York: McGrawHill, 2019.

⁹⁴ MARTIN DELGADO, Isac. La reforma de la Administración (electrónica): hacia una auténtica innovación administrativa. *Revista Democracia y Gobierno Local*. Barcelona, anno 16, n. 32, gen./mar., p. 5-9.

⁹⁵ SÁNCHEZ MORÓN, Miguel. *Derecho Administrativo. Parte General* (17ª ed.). Madrid: Tecnos, 2019. VV.AA. *Materiales para el Curso Fundamentos del Gobierno Abierto*. Madrid, Inap, 2021. Disponibile in: https://transparencia.gob.es/transparencia/transparencia_Home/index/Gobierno-abierto/sensibilizacion-formacion/Materiales.html.

⁹⁶ Per la partecipazione nella nuova prospettiva della prevenzione v. FUENTES I GASÓ, Josep Ramon. I diritti fondamentali nelle periferie. Una nuova cultura della pubblica amministrazione dalla repressione alla prevenzione. In IMMORDINO, Maria; DE GIORGI CEZZI, Gabriella; GULLO, Nicola, BROCCA, Marco (a cura di). *Periferie e diritti fondamentali*. Napoli: Editoriale scientifica, 2020, p. 13-14.

⁹⁷ COTINO HUESO, Lorenzo. Derecho y «gobierno abierto». La regulación de la transparencia y la participación y su ejercicio a través del uso de las nuevas tecnologías y las redes sociales por las Administraciones públicas: Propuestas concretas. *Revista Aragonesa de Administración Pública*, Zaragoza, anno 13, n. extra-14, p. 51-92.

⁹⁸ TUR AUSINA, Rosario; SANJUÁN ANDRÉS, Francisco Javier. Las consultas populares municipales. Instrumentos de la autonomía local para la mejora de la calidad democrática. *Revista “Cuadernos Manuel Giménez Abad”*. Zaragoza, anno 13, n. 15, p. 169-187.

⁹⁹ Art. 32 del Regolamento “Seguiment de l'execució de les actuacions municipals que hagin tingut un procés participatiu Totes les actuacions municipals que hagin tingut un procés participatiu han de facilitar un sistema de seguiment de la seva execució, preferiblement a través de la plataforma digital i amb una actualització periòdica, així com l'accés a les dades obertes i la traçabilitat i transparència de les accions dutes a terme”.

“abilitare spazi affinché tutte le persone chiamate a partecipare che lo desiderino possano recarsi presso lo stesso spazio comunale e avere l’ausilio necessario da parte di personale dell’amministrazione comunale per poter partecipare. Lo stesso vale ogni volta che viene rilevato il rischio di un divario digitale”.¹⁰⁰

È interessante poi dar conto del profilo soggettivo e oggettivo nell’ambito dei processi partecipativi.

Questi ultimi sono definiti come “una sequenza di atti, delimitata nel tempo e volto a promuovere il dibattito e la discussione tra cittadini o tra loro e funzionari comunali, al fine di raccogliere *pareri* e *proposte* riguardanti una specifica azione municipale”.¹⁰¹

Essi sono strutturati in quattro fasi: la prima detta fase di informazione, poi il dibattito, quindi il “ritorno” e la “valutazione” cioè la fase durante la quale i cittadini e il pubblico sono messi al corrente dei risultati del processo partecipativo, infine vi è la fase di attuazione con cui viene facilitato il monitoraggio dei risultati del processo.¹⁰²

Possono riguardare i *servizi* e le *materie di interesse comunale*¹⁰³ in una molteplicità di forme attivate per il tramite dell’iniziativa cittadina oppure dal Comune.

Nel primo caso per esempio possono essere proposte: (a) l’inserimento di uno o più punti da trattare nell’ordine del giorno del Consiglio comunale o dei consigli distrettuali; b) l’annuncio di uno specifico processo partecipativo; c) lo svolgimento di un’audizione pubblica di persona o sulla piattaforma digitale; d) la creazione di un organismo partecipativo; e) L’approvazione di una disposizione

¹⁰⁰ Art. 3, comma 5, “En els casos en què els canals de participació només tinguin lloc en format digital l’Ajuntament ha d’habilitar espais perquè totes les persones cridades a participar que ho desitgin puguin acudir a algun espai municipal i comptin amb l’ajuda necessària de persones vinculades a l’administració municipal per poder-hi participar. Això mateix procedeix sempre que es detecti el risc de bretxa digital”.

¹⁰¹ Art. 19, comma 1, del Reglamento “Concepte de procés participatiu. El procés participatiu és una seqüència d’actes, delimitats en el temps i dirigits a promoure el debat i el contrast d’arguments entre la ciutadania o entre aquesta i els responsables municipals, a fi de recollir les opinions i propostes respecte d’una determinada actuació municipal.

¹⁰² Artículo 26 del Reglamento “Les diferents fases dels processos participatius 1. En tots els processos participatius han d’existir les fases següents: a) Fase d’informació, mitjançant la qual es difon al conjunt de la ciutadania interessada la matèria o el projecte sobre el qu al es vol demanar la participació, utilitzant els mitjans adequats. b) Fase de debat, mitjançant la qual, i emprant les metodologies adequades, es promou el diàleg i el contrast d’arguments i es recullen les aportacions de les persones participants. c) Fase de retorn i avaluació, mitjançant la qual es traslladen a les persones participants i al conjunt de la ciutadania els resultats del procés. d) Fase de seguiment, mitjançant la qual es facilita el seguiment del desenvolupament dels resultats del procés”.

¹⁰³ Article 1, comma 1, del Reglamento “Objeto. 1. L’objecte d’aquest Reglament és desenvolupar les previsions de la Carta municipal de Barcelona respecte a la participació ciutadana, i regular els canals de relació entre la ciutadania i l’Ajuntament per facilitar i promoure aquesta participació en els processos de presa de decisions polítiques i en la gestió dels serveis i els assumptes d’interès municipal”.

generale; f) lo svolgimento di una consultazione dei cittadini; g) la convocazione di un consiglio di quartiere.¹⁰⁴

Questo purché sia rispettata una soglia minima di firme.¹⁰⁵

Tra i compiti del gruppo che dà impulso alla iniziativa è prevista la possibilità di “collaborare nella definizione degli indicatori per la valutazione del processo partecipativo”.¹⁰⁶

Accanto alle ordinarie forme di partecipazione, cioè quelle tradizionali, e per quanto riguarda la seconda delle due opzioni – cioè l’iniziativa della Amministrazione locale, il Regolamento prevede che il Comune possa proporre altre forme di processi di partecipazione, in special modo quelli che promuovono la “diagnosi” e la “deliberazione cittadina, come le assemblee deliberative, esplorative o di ricognizione, i panel e altri strumenti simili”.¹⁰⁷

Il *limite in senso oggettivo* è dettato dal rispetto dei diritti e delle libertà fondamentali¹⁰⁸ e di una serie di principi di “trasparenza, pubblicità, chiarezza, accesso alle informazioni, neutralità istituzionale, primato dell’interesse comune, diversità, dibattito pubblico, uguaglianza e non discriminazione, inclusione, efficienza, accessibilità universale, protezione dei dati di carattere personale e responsabilità per il proprio operato”.¹⁰⁹

¹⁰⁴ Art. 9, comma 2, del Regolamento “La iniciativa ciutadana pot consistir a proposar: a) La incorporació d’un o diversos punts per tractar en l’ordre del dia del Consell Municipal o dels consells de districte; b) La convocatòria d’un procés participatiu determinat; c) La realització d’una audiència pública en format presencial o a la plataforma digital; d) La creació d’un òrgan de participació; e) L’aprovació d’una disposició de caràcter general; f) La celebració d’una consulta ciutadana; g) La convocatòria d’un consell de barri”.

¹⁰⁵ Article 6 del Regolamento. “Concepte d’iniciativa ciutadana 1. La iniciativa ciutadana és la intervenció ciutadana dirigida a promoure una determinada actuació d’interès general i de competència municipal per part de l’Ajuntament. 2. La concurrència de l’interès general o d’un col·lectiu ampli s’acredita mitjançant la recollida del nombre de signatures que s’especifica a l’article 10”.

¹⁰⁶ Art. 21, comma 2, lett d) secondo cui “El grup impulsor té atribuïdes les funcions següents:[...] d) Col·laborar en la definició dels indicadors per a l’avaluació del procés participatiu.

¹⁰⁷ Article 38 del Regolamento “Altres metodologies de participació deliberatives 1. Dintre els diferents processos participatius, l’Ajuntament ha de promoure les metodologies de participació que siguin més adequades, especialment aquelles que promouen la diagnosi i la deliberació ciutadana, com ara les assemblees deliberatives, les marxes exploratòries o els recorreguts de reconeixement, els plafons ciutadans, i d’altres similars”.

¹⁰⁸ Article 9, comma 1, del Regolamento. “Objecte de les iniciatives ciutadanes 1. L’objecte de la iniciativa ciutadana s’ha de referir a matèries de competència municipal, i no pot limitar o restringir els drets ni les llibertats fonamentals de la secció primera del capítol II del títol I de la Constitució i els drets i deures dels capítols I, II i III del títol I de l’Estatut, ni tampoc referir-se a matèries pròpies del Reglament orgànic. En el cas que la iniciativa afecti drets i obligacions de contingut econòmic de l’Ajuntament, caldrà informe previ dels serveis d’intervenció municipal”.

¹⁰⁹ Articolo 1, comma 2, “Els diversos instruments i canals de participació regulats en aquest Reglament se sotmeten als principis de transparència, publicitat, claredat, accés a la informació, neutralitat institucional, primacia de l’interès comú, diversitat, debat públic, igualtat i no discriminació, inclusió, eficiència, accessibilitat universal, protecció de les dades de caràcter personal i rendició de comptes”.

Finalità del processo partecipativo è quello di fare una diagnosi circa la situazione per la quale intervenire; cercare idee creative e d'innovazione per l'attuazione di una specifica azione comunale; *suggerire* o *supportare* proposte concrete di intervento.¹¹⁰

Concludiamo l'esame con gli ultimi due aspetti che a noi sembrano rilevanti: il profilo di applicazione soggettiva e la relazione tra esito della partecipazione e contenuto della decisione.

Con riguardo al primo punto il Regolamento è applicato a “tutte le persone, direttamente o tramite qualsiasi tipo di associazione” che sono così “legittimate alla partecipazione paritaria a uno qualsiasi dei processi, organi, consultazioni, canali o modalità di partecipazione dei cittadini”.¹¹¹ Ai cittadini spetta quindi “il diritto di ricevere informazioni e di intervenire – direttamente o tramite associazioni di cittadini – nel processo decisionale politico e nel funzionamento dei servizi pubblici, attraverso i media e i canali di partecipazione”.¹¹²

Concretamente sul piano della legittimazione è stabilito che “possono partecipare alla iniziativa cittadina tutte le persone che hanno più di sette anni” e che come residenti, anche se non di nazionalità spagnola, o abitanti nella città di Barcellona siano iscritte nel registro della popolazione.¹¹³

Inoltre “se la natura o l'oggetto del trattamento lo richiedono o consigliano, l'età dei partecipanti può essere ridotta”.¹¹⁴

Aspetti a forte connotazione sostanziale sono le previsioni che riguardano alcune fasce deboli e al loro accesso effettivo alla partecipazione.

Per esempio è previsto che “il Consiglio Comunale [debba] offrire le opportunità necessarie per la progressiva incorporazione di bambini e adolescenti

¹¹⁰ Art. 22 del Regolamento “Finalitats i limitacions del procés participatiu 1. Les finalitats del procés poden ser una o més d'una de les següents: a) Fer el diagnòstic d'una situació determinada com a base per articular l'actuació pública pertinent. b) Cercar idees creatives i innovadores respecte d'una actuació municipal determinada. c) Suggerir o valorar propostes concretes per intervenir en una determinada situació.

¹¹¹ Article 2, comma 1, “Àmbit d'aplicació subjectiva. 1. L'àmbit d'aplicació subjectiva d'aquest Reglament són totes les persones, directament o mitjançant qualsevol tipus d'associació que, d'acord amb el que s'hi disposa, estan legitimades per participar en algun dels processos, òrgans, consultes, canals o modalitats de participació ciutadana”.

¹¹² Article 3, comma 1, “Dret a la participació 1. La ciutadania té el dret a rebre informació i a intervenir – directament o mitjançant associacions ciutadanes– en els processos de presa de decisions polítiques i en el funcionament dels serveis públics, a través dels mitjans i canals de participació amb els requisits i la forma determinada en aquest Reglament respecte a matèries d'interès que afectin la ciutat i els ciutadans i ciutadanes”.

¹¹³ Letteralmente l'art. 8, comma 1, del Regolamento stabilisce che “1. Poden participar en la iniciativa ciutadana totes les persones de més de setze anys empadronades a Barcelona”.

¹¹⁴ Art. 8, comma 2, del Regolamento “2. Tanmateix, si la naturalesa o l'objecte del procés ho requereixen o aconsellen, es pot reduir l'edat dels participants”.

alla cittadinanza attiva, in accordo con il loro livello di sviluppo personale, stabilendo procedure volte a raccogliere le loro opinioni in relazione a politiche, regole, progetti, programmi o decisioni che li riguardano e generando nuovi spazi sociali che diano energia alla partecipazione responsabile di questo settore della popolazione e promuovano la convivenza e l'integrazione sociale nel quartiere e nel territorio".¹¹⁵

Inoltre l'Amministrazione comunale deve eliminare "ostacoli, difficoltà o impedimenti", deve prevedere "mezzi singolari per arrivare alle persone che per le diverse circostanze personali o sociali possono avere più difficoltà", cioè deve essere facilitato l'intervento del cittadino nei processi partecipativi.¹¹⁶

Anzi "per le persone con disabilità [occorre che siano individuate] misure di sostegno e [che siano portate a termine] le misure necessarie per garantire l'accessibilità e l'efficacia del diritto alla partecipazione in condizioni di uguaglianza" secondo quanto previsto dal decreto legislativo Real 1/2013, del 29 novembre, in cui è approvato il testo di riferimento della legge generale sul diritto alla partecipazione"¹¹⁷ e secondo quanto previsto dalla Llei general de dret de les persones amb discapacitat i de la seva inclusió social i la Llei 13/2014, del 30 d'octubre, d'accessibilitat.

In relazione all'ultimo dei punti che tratteremo, circa gli effetti della partecipazione sulla decisione pubblica, è stabilito che l'esito del processo partecipativo non possa incidere sui poteri decisionali del Comune.

Tuttavia il potere pubblico è tenuto a spiegare in che modo i risultati saranno applicati nella decisione finale.¹¹⁸

¹¹⁵ Art. 3, comma 4, "L'Ajuntament ha d'oferir les oportunitats necessàries per a la incorporació progressiva d'infants i adolescents a la ciutadania activa, d'acord amb el seu grau de desenvolupament personal, establint procediments destinats a recollir-ne les opinions amb relació a les polítiques, les normes, els projectes, els programes o les decisions que els afecten i generant espais socials nous que dinamitzin la participació responsable d'aquest sector de la població i afavoreixin la convivència i la integració social en l'àmbit veïnal i local".

¹¹⁶ Art. 3, comma 2, Correspon a l'Ajuntament garantir i impulsar l'exercici d'aquest dret. A aquest efecte, ha de promoure els canals i instruments suficients, oberts i flexibles, i adequats als usos del temps, aptes per a la màxima i més diversa i àmplia participació; ha d'eliminar els obstacles que la dificultin o impedeixin, articulant mitjans singulars per arribar a les persones que per les seves circumstàncies personals o socials puguin tenir més dificultats, i ha de facilitar la intervenció ciutadana en els processos de presa de decisions polítiques.

¹¹⁷ Art. 3 comma 3, del Reglamento "Dret a la participació. "Igualment, l'Ajuntament ha de facilitar a les persones amb discapacitat els mitjans de suport i ha de dur a terme els ajustos necessaris per garantir l'accessibilitat i fer efectiu el dret a la participació en condicions d'igualtat, en els termes que es recullen al Reial decret legislatiu 1/2013, de 29 de novembre, pel qual s'aprova el text refós de la Llei general de dret de les persones amb discapacitat i de la seva inclusió social i la Llei 13/2014, del 30 d'octubre, d'accessibilitat".

¹¹⁸ Art. 22, comma 2. "El resultat del procés participatiu no afecta les facultats decisòries dels òrgans de govern de l'Ajuntament. Tanmateix, l'acord de convocatòria ha d'explicitar com aplicarà els resultats en la decisió final".

A noi sembra che questi siano i presupposti per il consolidamento di metodi e strumenti di partecipazione che cercano il coinvolgimento nelle decisioni pubbliche dei cittadini¹¹⁹ compresi quelli che non hanno le capacità anche per lo scarso utilizzo – per motivazioni varie – delle tecnologie di comunicazione.¹²⁰

La necessità di richiedere al pubblico potere di trovare il modo per comunicare ai cittadini l'esito del processo e di prevedere le forme con cui avviene il recepimento delle soluzioni proposte all'interno delle decisioni politiche e amministrative rappresentino un ottimo compromesso per superare il rischio che gruppi forti possano intervenire strumentalizzando l'azione di intervento, scongiurando una connotazione elitaria della democrazia.¹²¹

Anzi il rischio stesso può dirsi neutralizzato a fronte dell'assenza di vincolatività dell'esito delle consultazioni per il pubblico potere che però è costretto a tenerne conto e darne conto, secondo il principio della responsabilità, in fase di attuazione del processo partecipativo anche attraverso l'uso delle piattaforme digitali.

7 Una prospettiva dal diritto comparato: il Brasile e la Colombia

La democrazia partecipativa è uno di quei temi la cui inesauribilità continua a sollecitare l'attenzione del dibattito dottrinale ovunque in tutto il mondo. Esso è certamente un ambito in cui vi è addirittura spazio per una rivisitazione del significato stesso di democrazia,¹²² per superare quelle carenze che si sono manifestate nel corso degli ultimi anni e avviare quel processo di rigenerazione caratterizzato dal coinvolgimento. Questo nell'obiettivo di un allargamento della stessa per comprendere e integrare il cittadino nella vita politica di un paese.

Gli strumenti adoperati possono essere molti e tra questi quei processi costituenti che hanno condotto in modo significativo alla adozione di una carta

¹¹⁹ REVERTE MARTINEZ, Francisco Manuel. *El poder de la ciudadanía: derechos de Asociación y Participación*. Murcia: Partigesc, 2019.

¹²⁰ Occorre solo che sia rispettata una soglia di firme raccolte che è quella dettata dalla legge catalana, per la quale vi è già proposta di riduzione del numero di firme richiesto. Come in dettaglio riportato in https://ajuntament.barcelona.cat/transparencia/sites/default/files/08.acta_org_part_ciutat_131021_rpc_2021_0.pdf pag. 7. Disponibile in: www.totbarcelona.cat/politica/aprovat-reglament-consultes-signatures-barcelona-202203/.

¹²¹ DI GREGORIO, Angela. Democrazia partecipativa e integrazione dei gruppi deboli. Una premessa. *Diritto Pubblico comparato ed europeo on line*, Milano, anno 23, n. 2, p. 1837-1853. Disponibile in: www.dpceonline.it/index.php/dpceonline/article/view/1946/1956.

¹²² PESSOA, Robertônio Santos; SANTOS, Helannha Francisca Nunes dos. Democracia em transformação: apontamentos sobre a reconfiguração dos elementos da democracia ante os influxos dos modelos participativos. *A&C – Revista de Direito Administrativo & Constitucional*, Belo Horizonte, ano 22, n. 90, p. 88, out./dez. 2022. Disponibile in: <https://revistaec.com/index.php/revistaec/article/view/1671>.

costituzionale in Brasile nel 1988, con la conseguente affermazione di uno stato di diritto democratico e il riconoscimento di diritti di partecipazione che sono fondamentali per i cittadini.

Sebbene ciò possa ancora sembrare come un processo incompiuto, tuttavia esso vale ad affermare l'importanza del potere pubblico in relazione alla individuazione degli interessi e dei bisogni dei cittadini, nonché alla possibilità per questi ultimi di essere coinvolti nelle scelte che sono oggetto di decisione pubblica.

Il percorso avviato di democrazia partecipativa potrà certamente subire un efficace impulso e progressivo consolidamento, attraverso l'uso delle tecnologie di informazione e comunicazione.¹²³

È stato ampiamente dimostrato, attraverso un monitoraggio dei dati, che la sollecitazione della partecipazione cittadina da parte del potere pubblico costituirebbe elemento utile e necessario per lo sviluppo sostenibili secondo i canoni dettati dall'agenda 2030 delle Nazioni Unite. Questo in uno scenario di disuguaglianza, di povertà e di calamità in cui milioni di persone al mondo vivono ancora oggi in tutti i paesi del mondo. Occorrono strumenti di partenariato che siano in grado di coinvolgere in modo trasparente ed efficace i cittadini, al fine di consentire uno sviluppo delle soluzioni che siano in grado di venire incontro al maggior numero possibile di persone.

Condividiamo allora quella dottrina secondo cui occorre perseguire strade alternative che conduca per un verso al rafforzamento del ruolo attivo dei cittadini e per l'altro al depotenziamento di quel potere che è in mano a pochi. Spetta, perciò, allo Stato il compito di incoraggiare l'inclusione dei cittadini, anche attraverso percorsi specifici degli stessi programmi scolastici. In questo modo sarà possibile avviare un percorso di conoscenza e discussione utile al coinvolgimento del maggior numero possibile di cittadini nelle questioni di interesse pubblico.

La concretizzazione di questo nuovo modo di intendere la democrazia non può che provenire da un disegno istituzionale di tipo partecipativo, che sia in grado di attuare in concreto lo stesso principio costituzionale.¹²⁴ Proprio attraverso la

¹²³ PESSOA, Robertônio Santos; SANTOS, Helannha Francisca Nunes dos. Democracia em transformação: apontamentos sobre a reconfiguração dos elementos da democracia ante os influxos dos modelos participativos. *A&C – Revista de Direito Administrativo & Constitucional*, Belo Horizonte, ano 22, n. 90, p. 104, out./dez. 2022. Disponibile en: <https://revistaec.com/index.php/revistaec/article/view/1671>.

¹²⁴ LÓPEZ-JIMÉNEZ, Lina María. El diseño institucional como medio para concretar el principio democrático de la participación ciudadana. *Revista de Investigaciones Constitucionales*, Curitiba, vol. 10, n. 2, pag.2, e253, maio/ago. 2023. Disponibile en: <https://revistas.ufpr.br/rinc/article/view/e244>.

definizione dei comportamenti sarà consentita l'emersione degli interessi della collettività rispetto a quelli dei decisori pubblici.¹²⁵

8 Verso un modello sistemico delle pratiche di democrazia partecipativa per esigenze di *giustizia sociale*?...l'*empowerment* dei cittadini a tutti i livelli di governo

Abbiamo approfonditamente esplorato all'inizio di questo contributo i tentativi di definizione della democrazia partecipativa. Essa non è un istituto vero e proprio, ma è una sintesi verbale nel cui ambito si inseriscono esperienze varie ed eterogenee che sono disseminate tra governi sovranazionali e governi locali. È estremamente difficile riuscire a dare una volta per tutte una completa definizione, perché è la complessità degli strumenti e dei modelli in sperimentazione che non lo consente.

Ci sono studi autorevoli che ci permettono di indicare alcune coordinate. In particolare molta chiarezza vi è sul fatto che la democrazia partecipativa tende a *staccarsi* dall'antica partecipazione, quindi anche dalla partecipazione procedimentale e dai suoi limiti contenuti nella legge 241/1990 sul procedimento amministrativo, e si orienta invece verso una presenza più *intensa* dei cittadini all'interno della attività istituzionale.

È certa la sua genesi e la sua maggiore presenza in America Latina, piuttosto che in Europa.

Per questo riteniamo che sebbene quello della democrazia partecipativa non sia un tema nuovo nell'attuale contesto socio-politico e istituzionale, esso sia ancora interessante da studiare quanto meno per capire le linee di tendenza degli strumenti e dei metodi messi a punto dentro e fuori l'ordinamento italiano.

Se è certa la genesi, nessun dubbio vi è sulle motivazioni per le quali continuano a diffondersi pratiche di democrazia partecipativa, ovunque e a tutti i livelli di governo.

Poiché le stesse pratiche afferiscono non tanto al fare, come accade per la sussidiarietà, quanto piuttosto al *discutere* e *decidere* concordiamo con quella parte del pensiero giuridico secondo cui in risposta alla crisi della democrazia rappresentativa le pratiche di democrazia partecipativa possono in questo momento

¹²⁵ LÓPEZ-JIMÉNEZ, Lina María. El diseño institucional como medio para concretar el principio democrático de la participación ciudadana. *Revista de Investigações Constitucionais*, Curitiba, vol. 10, n. 2, pag. 24, e253, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rinc/article/view/e244>.

costituire strumenti utili per recuperare la fiducia nelle istituzioni e cercare soluzioni pubbliche condivise.

La democrazia partecipativa, cioè, può essere vista come strumento per migliorare il contenuto delle decisioni pubbliche, quindi delle leggi e dei provvedimenti amministrativi.

L'esperienza praticata nell'ambito della Convenzione sul futuro dell'Europa, sia pur ritenuta da alcuni fallimentare sotto il profilo del numero dei partecipanti, potrebbe essere il primo modello utile da tenere in considerazione. Della stessa viene esaltata l'articolazione in panel tematici, la diffusione delle informazioni, la pratica ormai diffusa della modalità di partecipazione su piattaforma digitale dedicata.

Riteniamo però che questa pratica poco abbia fatto nel contenimento dei rischi e dei difetti che i metodi di democrazia partecipativa con sé recano.

Poiché abbiamo scelto di focalizzare la nostra attenzione sulle misure attraverso cui sarebbe possibile quanto meno mitigare il rischio di una partecipazione elitaria e quindi della strumentalizzazione delle pratiche partecipative da parte dei gruppi forti, preziosa risulta l'esperienza spagnola.

La città di Barcellona, capitale della Catalogna, a partire da settembre prossimo e fino ad agosto del nuovo anno è stata non a caso la prima capitale della democrazia. Lì il governo locale ha messo a punto il *Nuevo Reglament de participació ciutadana* che estende a "tutti" il diritto di partecipazione con gli strumenti che saranno proposti dai cittadini oppure che saranno ritenuti più adeguati dal Comune in relazione al contenuto della questione sottoposta all'attenzione delle istituzioni e certamente di competenza del governo locale.

I partecipanti devono aver compiuto i sette anni di età – soglia comunque derogabile per alcune esigenze – e risiedere o comunque abitare nella città di Barcellona, indipendentemente dalla nazionalità.

Colpisce l'estensione della partecipazione a ragazzi e adolescenti, così come attira l'attenzione quel punto presente nel Regolamento secondo cui il governo locale è tenuto a facilitare la partecipazione anche dei soggetti che sono socialmente e personalmente deboli.

Debolezza che potrebbe anche derivare dalla scarsa abilità ad entrare in contatto con le nuove tecnologie: per questo è previsto che il governo locale debba creare spazi appositi e mettere a disposizione il personale che consenta l'accesso e il superamento del divario digitale.

Un altro punto che ha attirato la nostra attenzione ha riguardato la relazione tra il risultato del processo partecipativo e il contenuto della decisione: sebbene

infatti il primo non sia vincolante sul secondo tuttavia l'Amministrazione comunale è tenuta fin dal principio a trovare *le forme attraverso cui le soluzioni proposte sono recepite nelle decisioni pubbliche*.

Questo a noi sembra un ottimo compromesso per monitorare il rischio che gruppi forti possano intervenire strumentalmente.

Vi è di più perché quell'assenza di vincolo sul contenuto consentirebbe all'amministrazione di ulteriormente neutralizzare il medesimo rischio, decidendo cosa e come fare di quel risultato partecipativo.

Infine, è d'obbligo un'ultima considerazione e cioè che le pratiche legislative avviate nel nostro ordinamento da parte di alcune Regioni – la Toscana, l'Emilia Romagna e la Puglia per esempio – ci hanno consentito di riflettere sulla necessità che il processo partecipativo in senso democratico debba necessariamente essere affrontato in modo sistematico e a tutti i livelli di governo. In questi casi specifici la legislazione regionale contribuisce a sollecitare esperienze virtuose di pratiche partecipative anche a livello di governo locale.

L'auspicio è che sui modelli già sperimentati altri governi, a tutti livelli, si adoperino per una disciplina che contenga almeno i canoni di cui si è detto, per esaltare le potenzialità e ridurre al minimo i rischi delle pratiche di democrazia partecipativa. Questo con una attenzione particolare alla necessità di dar conto nella decisione pubblica del risultato della consultazione.

Tutto questo per l'obiettivo ultimo di ampliare l'ambito degli *interessi deboli non corporati*.

Riferimenti bibliografici

ALLEGRETTI Ugo. La democrazia partecipativa in Italia e in Europa. *Rivista telematica giuridica dell'Associazione Italiana dei costituzionalisti*. Roma, anno 11, n.1, gen./mar., p. 1-12 Disponibile in: <https://www.rivistaaic.it/it/rivista/ultimi-contributi-pubblicati/umberto-allegretti/la-democrazia-partecipativa-in-italia-e-in-europa>.

ALLEGRETTI, Ugo. Democrazia partecipativa. *Enciclopedia del Diritto*, Milano, anno 11, Annali, v. IV, 295-335.

ALLEGRETTI, Ugo. Procedura, procedimento e processo: un'ottica di democrazia partecipativa. *Diritto Amministrativo*, Milano, anno 07, n.4, ott./dic., p. 779 - 804.

ALTI, Tiziana; BARBIERI, Cristina. La trasparenza amministrativa come strumento di potere e democrazia. *Rivista trimestrale di diritto pubblico*. Milano, anno 2023, n. 2, apr./giu., p. 809-831.

AMATO, Giuliano. *Le nostre fragili democrazie e il clima. Possiamo attrezzarci per farcela?* Roma, 15 settembre 2022 – Lectio Magistralis – Cerimonia inaugurazione anno accademico 2022-2023 Università di Roma Sapienza. Disponibile in: www.treccani.it/magazine/atlante/societa/Le_nostre_fragili_democrazie.html.

ANDRADE, Giulia de Rossi. O papel do fomento no desenvolvimento sustentável de cidades participativas. *Revista Eurolatinoamericana de Derecho Administrativo*, Santa Fe, vol. 9, n. 2, p. 373-396, jul./dic. 2022. Disponibile en: <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/publicaciones/index.php/Redoeda/article/view/12396>.

ARENA, Gregorio. *Un approccio sistemico all'amministrazione condivisa*. In ARENA, Gregorio; BOMBARDELLI, Marco, (a cura di). *L'amministrazione condivisa*, Trento: Università degli studi di Trento, 2022.

ARENA, Gregorio; COTTURI, Giuseppe. Introduzione. Il valore aggiunto della cittadinanza attiva. In: ARENA, Gregorio; COTTURI, Giuseppe. *Il valore aggiunto*. Come la sussidiarietà può salvare l'Italia, Bari, Carocci, 2010, p. 37-45.

BARBATI, Carla. Territori ed interessi economici: le politiche dei luoghi per lo sviluppo locale. *Le Istituzioni del Federalismo*, Bologna, anno 09, n.2, mar./apr., pag. 207-372.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernità liquida*. Roma-Bari: Laterza, 2011.

BENVENUTI, Feliciano. *Il nuovo cittadino*. Tra libertà garantita e libertà attiva. Venezia: Marsilio, 1994.

BIFULCO, Raffaele. Democrazia deliberativa e democrazia partecipativa. Firenze, 2-3 aprile 2009. *Relazione al Convegno "La democrazia partecipativa in Italia e in Europa: esperienze e prospettive"*, Firenze, 2-3 aprile 2009. Disponibile in: <https://www.astrid-online.it>, p. 4.

BOBBIO, Norberto. Dilemmi della democrazia partecipativa. *Democrazia e Diritto*. Milano: anno 16, p.14. *Amministrativo*. Milano, anno 07, n.4, ott./dic., p. 779 - 794.

BOMBARDELLI, Marco. *L'organizzazione dell'amministrazione condivisa*. In ARENA, Gregorio; BOMBARDELLI, Marco (a cura di). *L'amministrazione condivisa*. Trento: Università degli studi di Trento, 2022.

BONOMO, Antonio. Governare la transizione ecologica tra nuovi interessi e nuovi conflitti. *Rivista Trimestrale di diritto pubblico*. Milano, anno 2024, n. 3, mag./lugl., p. 621-637.

BUONO, Enrico; PIZI, Chiara. La democrazia climatica tra climate change mitigation and climate change litigation. Spunti comparati per l'elaborazione di strumenti partecipativi. *Diritto Pubblico comparato ed europeo on line*. Milano, anno 23, n. 2, vol. 59-II sezione monografica, p. 1945-1956. Disponibile in: www.dpceonline.it/index.php/dpceonline/article/view/1951.

CAMPATI, Antonio. *La distanza democratica*. Corpi intermedi e rappresentanza politica. Milano: Vita e pensiero editore, 2022.

CARMONA GARIAS, Simona. *Democracia y gobierno abierto: una nueva cultura administrativa*. New York: McGrawHill, 2019.

CASINI, Lorenzo. L'inchiesta pubblica. Analisi comparata. *Rivista trimestrale di diritto pubblico*. Miliano, anno 07, n.1, gen./mar., p. 43-92.

CAVERI, Luciano. *Dalla democrazia "incompiuta" alla "postdemocrazia"*. Percorsi storici del sistema politico italiano. Bologna: Il Mulino, 2023.

CHURILLU, Paola; IAIONE, Christian (a cura di). *La co-città*. Diritto urbano e politiche pubbliche per i beni comuni e la rigenerazione urbana. Napoli: Jovene, 2018.

CIANCAGLINI, Marco. Tra democrazia partecipativa e concertazione. La legge regionale 3/2010 dell'Emilia Romagna. *Le istituzioni del Federalismo*. Bologna, anno 11, n. 2, mar./apr., p. 215-253.

CORTESE, Fulvio. Dentro il nuovo diritto delle città. *Munus Rivista giuridice dei servizi pubblici*, anno 16, n. 2 editoriale, mag. /agos., p. V. Disponibile in: <https://www.rivistamunus.it/fulvio-cortese-dentro-il-nuovo-diritto-delle-citta/>.

CORTESE, Fulvio. Nuovi principi costituzionali e ridefinizione progettuale dello spazio operativo degli enti territoriali. *Munus Rivista giuridice dei servizi pubblici*. Roma, anno 21, n. 3, mag./ago., p. 5-14.

COTINO HUESO, Lorenzo. Derecho y «gobierno abierto». La regulación de la transparencia y la participación y su ejercicio a través del uso de las nuevas tecnologías y las redes sociales por las Administraciones públicas: Propuestas concretas. *Revista Aragonesa de Administración Pública*. Zaragoza, anno 13, n. extra-14, p. 51-92.

DE WILDE, Pieter. *The Fall of Spitzenkandidaten. Political parties and conflict in the 2019 European crisis*. Londra: Routledge, 2020.

DI COSIMO, Giovanni. La partecipazione nell'era digitale. In DI COSIMO, Giovanni (a cura di). *Processi democratici e tecnologie digitali*. Torino: Giappichelli, 2023, p. 231-239.

DI GREGORIO, Angela. Democrazia partecipativa e integrazione dei gruppi deboli. Una premessa. *Diritto Pubblico comparato ed europeo on line*, Milano, anno 23, n. 2, p. 1837-1853. Disponibile in: www.dpceonline.it/index.php/dpceonline/article/view/1946/1956.88, out./dez. 2022. Disponibile en: <https://revistaec.com/index.php/revistaec/article/view/1671>.

DI SCIULLO, Franco. *La democrazia della sfiducia*. La rappresentanza nell'età del paradosso. Napoli: Editoriale scientifica, 2022.

FABBRINI, Federico. La Conferenza sul futuro dell'Europa: potenzialità e problematiche. *Centro studi sul federalismo*. Torino, anno 21, n. research paper, p. 1-20. Disponibile in: https://www.csfederalismo.it/images/CSF-RP_Conf-Futuro-Europa_F.Fabbrini_Giu2021.pdf.

FLORIDIA, Antonio. La democrazia deliberativa, dalle teorie alle procedure. Il caso della legge regionale Toscana sulla partecipazione. *Le istituzioni del Federalismo*. Bologna, anno 07, n.5, sett./ott. p. 603-680.

FUENTES I GASÓ, Josep Ramon. I diritti fondamentali nelle periferie. Una nuova cultura della pubblica amministrazione dalla repressione alla prevenzione. In IMMORDINO, Maria; DE GIORGI CEZZI, Gabriella; GULLO, Nicola, BROCCA, Marco (a cura di). *Periferie e diritti fondamentali*. Napoli: editoriale scientifica, 2020, p. 1-20.

GIFREU I FONT, Judith. La participació ciutadana a l'àmbit local. In GIFREU I FONT, Judith (coord. por). *Introducció al dret local de Catalunya*. Barcelona, Cedecs, 2002, p. 377-394.

GIFREU I FONT, Judith. Mecanismos de colaboración público-privada para a provisión y la explotación económica de vivienda asequible: un juego de suma positiva. In *Revista catalana dret públic*. Barcelona, anno 23, n. 66, p. 56-85.

GREER, Christina. *How to build a democracy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024.

GUICHOT, Emilio. Transparencia y acceso a la información en las entidades locales vascas. *Revista Vasca de Administración Pública*, Gipuzkoa, anno 17, n. extra-107 (2), p. 555-583.

ILVA, Carla Luana; LEAL, Rogério Gesta. Perdeu-se em números a participação política. E agora? A implantação da participação política deliberativa pelas bases. *A&C – Revista de Direito Administrativo & Constitucional*, Belo Horizonte, ano 22, n. 87, p. 129, jan./mar. 2022. Disponibile en: <https://revistaec.com/index.php/revistaec/article/view/1403>.

KHAN, Paul. What is democracy? *Public Humanities*, anno 2025, n. 1, e16, p. 1-5. Disponibile in: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/AE033A774FC417198313EA5EC52B9EFB/S2977017324000173a.pdf/div-class-title-what-is-democracy-div.pdf>.

LÓPEZ-JIMÉNEZ, Lina María. El diseño institucional como medio para concretar el principio democrático de la participación ciudadana. *Revista de Investigações Constitucionais*, Curitiba, vol. 10, n. 2, e253, maio/ago. 2023. Disponible en: <https://revistas.ufpr.br/rinc/article/view/e244>.

MAESO SECO, Luis. Debates. Trascendencia y fundamentos de la participación ciudadana a la luz del Derecho Administrativo. In SIERRA ROGRIGUEZ, Javier; REVIREGO PICÓN, Fernando; TUDELA ARANDA, José (Eds.) *Escenarios de la participación ciudadana: una visión multinivel*. Colección Obras colectivas, Fundación Manuel Giménez Abad, Zaragoza, 2022. p. 61-117.

MANGANARO, Francesco; PIARAINO, Andrea. La partecipazione popolare negli statuti comunali. // *Politico*, Rivista italiana di scienze politiche. Milano, anno 93, vol. 58, n. 3 (166), lugl./sett., p. 415-453. Disponibile in: <https://www.jstor.org/stable/43101430>.

MARTIN DELGADO, Isac. La reforma de la Administración (electrónica): hacia una auténtica innovación administrativa. *Revista Democracia y Gobierno Local*, Barcelona, anno 16, n. 32, gen./mar., p. 5-9.

MÉNY, Yves. *Le vie della democrazia*. Bologna: Il Mulino, 2024.

MESIMI, Omar Ajruli. *Globalizzazione e crisi della democrazia*. Roma: Edizioni Sapienza, 2023.

MEZZANOTTE, Paolo. Principio democratico e partecipazione alla decisione pubblica. *Rivista di diritto pubblico italiano, comparato, europeo*, Roma, anno 20, n. 8, p. 138-157.

MICCICHÉ, Calogero. *Beni comuni: risorse per lo sviluppo sostenibile*. Napoli: Editoriale scientifica, 2018.

MOLASCHI, Viviana. *Le arene deliberative. Contributo allo studio delle nuove forme di partecipazione nei processi di decisione pubblica*. Napoli: Editoriale Scientifica, 2018.

MONTECARO, Maria Dolores. *Gobierno Abierto como oportunidad de cambio*. Madrid: Dykinson, 2020.

MORISI, Massimo. "Ambiente e partecipazione". Un eccentrico elenco di questioni aperte. *Federalismi.it Rivista di diritto pubblico italiano, comparato ed europeo*. Roma, anno 2023, n. 13, focus – scelte ambientali, azione amministrativa e tecniche di tutela, p. 364-393. Disponibile in: [https://federalismi.it/AppIOpenFilePDF.cfm?artid=48862&dpath=document&dfi le=05062023162822.pdf&content="Ambiente%2Be%2Bpartecipazione"%2E%2BUn%2Beccentrico%2Belenco%2Bdi%2Bquestioni%2Baperte%2B-%2Bstato%2B-%2Bdottrina%2B-%2B](https://federalismi.it/AppIOpenFilePDF.cfm?artid=48862&dpath=document&dfi le=05062023162822.pdf&content=).

MORLINO, Leonardo; RANIOLO Francesco. *Disuguaglianza e democrazia*. Milano: Mondadori Università, 2022.

MÜLLER GÓMEZ, Johannes; WESSELS, Wolfgang. The Spitzenkandidaten Procedure: Reflecting on the Future of an Electoral Experiment. *Istituto Affari Internazionali*. Roma, anno 16, n. working Papers, p. 1-26. Disponibile in: www.iai.it/sites/default/files/iaiw1608.pdf.

NIGRO, Mario. Il nodo della partecipazione. *Rivista trimestrale di diritto processuale civile*. Milano, anno 80, n. 1, gen./mar., p. 225-236.

NOCERA, Laura. La Conferenza sul futuro dell'Europa e le prospettive di una più attiva partecipazione dei cittadini europei. *Nuovi Autoritarismi e Democrazie: diritto, istituzioni, società*, Milano, anno 22, n. 1, gen./giu. p. 1-7. Disponibile in: <https://riviste.unimi.it/index.php/NAD/article/view/18124/15856>.

NOVECK, Beth Simone. *Wiki Government: how technology can make government better, democracy stronger and citizen more powerful*. Washington: Booking Institution press, 2009.

PEJČINOVIĆ BURIC, Marija. *Segretario Generale del Consiglio d'Europa in un video messaggio di congratulazioni a Barcellona*. Disponibile in: capitalofdemocracy.eu/it/introducing-the-first-european-capital-of-democracy/.

PEPE, Gabriele. La democrazia partecipativa ambientale tra ordinamenti sovranazionali ed ordinamento italiano. *Federalismi.it Rivista di diritto pubblico italiano, comparato ed europeo*, Roma, anno 2020, n. 2, p. 179-195.

PESSOA, Robertônio Santos; SANTOS, Helannha Francisca Nunes dos. Democracia em transformação: apontamentos sobre a reconfiguração dos elementos da democracia ante os influxos dos modelos participativos. *A&C – Revista de Direito Administrativo & Constitucional*, Belo Horizonte, ano 22, n. 90, p. 87-106, out./dez. 2022. Disponibile en: <https://revistaec.com/index.php/revistaec/article/view/1671>.

PICCIACCHIA, Paola. La ricerca dell'incerta sintesi tra democrazia rappresentativa e partecipativa. Riflessioni a margine del Grand Débat National. *Diritto Pubblico comparato ed europeo on line*. Milano, anno 20, vol. 44, n. 3, p. 3193-3223. Disponibile in: <https://www.dpceonline.it/index.php/dpceonline/article/view/1148>.

PORRO GUTIERREZ, Jacinto Manuel. Participación ciudadana en el ámbito local: aproximación a la estructura normativa desde los reglamentos de participación ciudadana. *Revista Aragonesa de Administración Pública*. Zaragoza, anno 17, n.39-40, p. 387-401.

RESCIGNO, Giuseppe Ugo. *Sovranità del popolo e fonti del diritto nel pensiero di Carlo Esposito, Vezio Crisafulli, Livio Paladin*. Padova: 2003. Relazione – Convegno di studio Esposito, Crisafulli, Paladin. Tre costituzionalisti nella cattedra padovana. La sovranità popolare. Disponibile in https://www.associazionedeicostituzionalisti.it/old_sites/sito_AIC_2003-2010/materiali/convegni/20030619_padova/doc/rescigno.doc. Accesso del: 15 gen 2025.

REVERTE MARTINEZ, Francisco Manuel. *El poder de la ciudadanía: derechos de Asociación y Participación*. Murcia: Partigesc, 2019.

RIDOLA, Paolo. *Democrazia rappresentativa e parlamentarismo*. Torino: Giappichelli, 2011.

SÀNCHAZ MORÓN, Miguel. *Derecho Administrativo. Parte General* (17ª ed.). Madrid: Tecnos, 2019.

SGUEO, Gianluca. La conferenza sul futuro dell'Europa. *Rivista trimestrale di diritto pubblico*, Milano, anno 22, n. 1, gen./mar., p. 21-47.

SGUEO, Gianluca. La visione e la voce nelle transizioni digitale dei governi democratici. *Rivista trimestrale di diritto pubblico*, Milano, anno 22, n.4, ott./dic., p. 1015 - 1029.

SICLARI, Domenico. La democrazia partecipativa nell'ordinamento comunitario: sviluppi e attuali prospettive. *Amministrazione in Cammino*. Rivista elettronica di diritto pubblico, di diritto amministrativo, di diritto dell'economia e di scienza dell'amministrazione. Roma, anno 09, n. 4, p. 1-16. Disponibile in: <https://www.amministrazioneincammino.luiss.it/2009/11/18/la-democrazia-partecipativa-nell-ordinamento-comunitario-sviluppi-attuali-e-prospettive/>.

SILVA, Carla Luana; LEAL, Rogério Gesta. Perdeu-se em números a participação política. E agora? A implantação da participação política deliberativa pelas bases. *A&C – Revista de Direito Administrativo & Constitucional*, Belo Horizonte, ano 22, n. 87, p. 107-133, jan./mar. 2022. Disponibile en: <https://revistaec.com/index.php/revistaec/article/view/1403>.

SINTOMER, Yves. *The Government of chance, Sortition and democracy from Athens to the present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024.

SORRENTINO, Federico. *Brevi riflessioni su sovranità popolare e pubblica amministrazione*. Padova: 2003. Relazione – Convegno di studio Esposito, Crisafulli, Paladin. Tre costituzionalisti nella cattedra padovana. La sovranità popolare. Disponibile in https://www.associazionedeicostituzionalisti.it/oldsites/sitoAIC2003-2010/materiali/convegni/20030619_padova/sorrentino.html. Accesso del: 15 gen 2025.

STEGHER, Giulia Serena. Rigenerare la democrazia: le assemblee cittadine del Regno Unico come catalizzatori delle politiche ambientali. *Diritto Pubblico comparato ed europeo on line*. Milano, anno 24, dic. Disponibile in: <https://drive.google.com/file/d/1w3-syVq9EXPjUUF3LiYAlXydkLq7EQ5k/view>.

TRIMARCHI BANFI, Francesca. La partecipazione civica al processo decisionale amministrativo. *Diritto Processuale Amministrativo*. Milano, anno 19, n.1, gen./mar., p. 1-12.

TROISI, Michele. La partecipazione delle comunità territoriali nella legislazione regionale. Alcune riflessioni alla luce delle recenti leggi di Toscana, Emilia Romagna e Puglia. *Rivista di diritto pubblico italiano, comparato, europeo*. Roma, anno 18, n. 7, p. 1-31. Disponibile in: <https://www.federalismi.it/ApiOpenFilePDF.cfm?artid=36061&dpath=document&dfile=27032018183748.pdf&content=La%2Bpartecipazione%2Bdelle%2Bcomunità%2Bterritoriali%2Bnella%2Blegislazione%2Bregionale%2B-%2Bstato%2B-%2Bdottrina%2B-%2B>.

TUR AUSINA, Rosario; SANJUÁN ANDRÉS, Francisco Javier. Las consultas populares municipales. Instrumentos de la autonomía local para la mejora de la calidad democrática. *Revista “Cuadernos Manuel Giménez Abad”*, Zaragoza, anno 13, n. 15, p. 169-187.

VV.AA. *Materiales para el Curso Fundamentos del Gobierno Abierto*. Madrid, Inap, 2021. Disponibile in: https://transparencia.gob.es/transparencia/transparencia_Home/index/Gobierno-abierto/sensibilizacion-formacion/Materiales.html.

ZANATTA, Loris. *Popolo*. Macerata: Liberlibri, 2023.

ZITO, Alberto. *La nudge regulation nella teoria giuridica dell’agire amministrativo*. Presupposti e limiti del suo utilizzo da parte delle pubbliche amministrazioni. Napoli: Editoriale scientifica italiana, 2021.

Informação bibliográfica deste texto, conforme a NBR 6023:2018 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

PICONESI, Alessandra. Rigenerare la democrazia partecipativa nei governi locali: cittadinanza attiva e interessi deboli non corporati. *A&C – Revista de Direito Administrativo & Constitucional*, Belo Horizonte, ano 25, n. 99, p. 9-44, jan./mar. 2025. DOI: 10.21056/aec.v25i99.2061.
